

OEIRAS EM REVISTA

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS _ DISTRIBUIÇÃO GRATUITA _ IMPRESSÃO 0,48€ _ Nº 101 _ OUTONO 2009



VINHO DE
CARCAVELOS
O NOSSO
“VINHO DA CASA”

_ CARLOS VAZ MARQUES ENTREVISTA
HENRIQUE CAYATTE E FALAM SOBRE
A EXPO CELEBRAR OEIRAS,
NA FUNDIÇÃO DE OEIRAS

_ PEDRO OSÓRIO, O ‘NOSSO’ MAESTRO
FALA DO SEU PERCURSO DE VIDA
COMO NUNCA O FIZERA



FICHA TÉCNICA

Director

ISALTINO MORAIS

Produção

ELISABETE BRIGADEIRO

Editora

CARLA ROCHA / CROCHA@CM-OEIRAS.PT

Textos

CARLOS ROCHA

LÚIS MARIA BAPTISTA

SÓNIA CORREIA

RICARDO TOMÉ

JORGE PINHEIRO

Fotografias

ALBÉRICO ALVES

CARMO MONTANHA

CARLOS SANTOS

LUIS MARIA BAPTISTA

Concepção Gráfica e Paginação

WHITE RABBIT - CUSTOM PUBLISHING

Propriedade

MUNICÍPIO DE OEIRAS

Impressão

SOCTIP

Tiragem

20.000 EXEMPLARES

Deposito Legal

86817/95

ISSN

1646 - 5970

Execução

GABINETE DE COMUNICAÇÃO

WWW.CM-OEIRAS.PT

12_ MARIA EMILIA XAVIER

Nesta revista damos a conhecer Maria Emilia Xavier, Directora Municipal de Planeamento, Gestão Financeira e Patrimonial da C. M. de Oeiras. Resumindo, pode conhecer melhor a mulher do dinheiro da Câmara de Oeiras.

28_ VINHO DE CARCAVELOS

Findas as vindimas, elaborado o vinho, é hora de um balanço sobre o nosso vinho generoso, o Vinho de Carcaveiros Conde de Oeiras. O seu passado, o seu presente e o seu futuro são abordados num artigo que organizamos especialmente para si. Acompanhe a leitura com um brinde a este delicioso vinho.

42_ HENRIQUE CAYATTE

Henrique Cayatte fala com Carlos Vaz Marques sobre o seu percurso e não se esquece de abordar a Expo Celebrar Oeiras, a exposição que a autarquia de Oeiras convidou a conceber e que espera por si na Fundação de Oeiras até ao fim do ano.

84_ MARIA PIMENTA

Um restaurante renovado no coração da Fábrica da Pólvora espera por si. Um lugar onde a comida tem um sabor especial.

04_ INEVITÁVEL

12_ ENTRE NÓS

20_ OEIRAS IMAGINÁRIA

28_ ESPECIAL VINHO DE CARCAVELOS

42_ A DOIS

50_ PROJECTOS DA AUTARQUIA

60_ VIVÊNCIAS

72_ OEIRAS TEM

74_ INESQUECÍVEL

84_ ARTE DO SABOR



Ao folhear as páginas desta Oeiras em Revista, encontrará certamente vários e substanciais motivos de interesse, dada a diversidade de temas e abordagens que entendemos serem susceptíveis de mostrar o que de bom existe e ocorre no nosso Concelho. Não deixa, porém, de ser simultaneamente pertinente procurar o que junta toda esta heterogeneidade, perceber qual o fio condutor destes inúmeros percursos que a Oeiras em Revista explora e dá a conhecer.

Acredito que esse sentido e esse propósito unificador existe e que está presente em tudo ou muito do que realizamos. Acredito porque me parece que a inovação, a dedicação, a excelência estão já, de facto, inscritos no nosso ADN comum. Há muito que trabalhamos para isso, há muito que temos tanta vontade em fazer e fazer bem, como orgulho em o ver feito e bem feito. Digo isto com a máxima simplicidade que consigo: em Oeiras, pomos um pouco de futuro em tudo o que fazemos.

Por isso lhe trazemos aqui as mais recentes novidades sobre o Vinho Conde de Oeiras, um legado do Séc. XVIII e do génio empreendedor do Marquês de Pombal que ganha agora uma nova vida, com a criação da sua própria Confraria e às portas que está de entrar no mercado para comercialização. Para tal, as necessárias obras foram já realizadas, designadamente através da recuperação e equipamento do designado Casal da Manteiga e podemos assim concluir este ambicioso projecto que será, também ele, representativo do nosso designio de recuperar o essencial do património histórico do Concelho, projectando-o para o futuro.

E é de futuro que falamos quando se nos referimos ao novo Centro de Congressos da Quinta da Fonte, uma obra que está já em marcha e que se insere na estratégia de consolidar Oeiras como o *Silicon Valley* português, apoiando as empresas que por cá se instalaram e as que se instalarão, oferecendo-lhes uma infra-estrutura moderna e dinâmica, capaz de potenciar os seus bens e serviços, assim como as suas melhores ideias. Será um equipamento de primeiro plano a nível nacional e também capaz de competir com os que vários que existem fora do país, criando espaço e visibilidade para a inovação, nomeadamente a nível das tecnologias de informação e do conhecimento, áreas onde há muito que nos esforçamos por ser os primeiros.

Está assim lançada esta Oeiras em Revista. Espero que goste tanto de a ler como nós a gostamos de fazer. Agora, é toda sua. Boa leitura!

ISALTINO MORAIS, PRESIDENTE DA CÂMARA

“...parece que a inovação, a dedicação, a excelência estão já, de facto, inscritos no nosso ADN comum. Há muito que trabalhamos para isso, há muito que temos tanta vontade em fazer e fazer bem, como orgulho em o ver feito e bem feito. Digo isto com a máxima simplicidade que consigo: em Oeiras, pomos um pouco de futuro em tudo o que fazemos...”

_SOM DA SURPRESA 2009



Da esquerda
para a direita:
Rosario Giuliani
Miguel Zenon
Enrico Rava



EM CARTAZ

30.OUT (6ª Feira)

ROSARIO GIULIANI QUARTET

ROSARIO GIULIANI – saxofone alto
PIETRO LUSSU – piano
DARRYL HALL – contrabaixo
BENJAMIN HENOCQ – bateria

31.OUT (Sábado)

ENRICO RAVA NEW QUINTET

ENRICO RAVA – trompete
GIANLUCA PETRELLA – trombone
GIOVANNI GUIDI – piano
PIETRO LEVERATTO – contrabaixo
FABRIZIO SFERRA – bateria

05.NOV (5ª Feira)

MIGUEL ZENON QUARTET

MIGUEL ZENON – saxofone alto
LUIS PERDOMO – piano
HANS GLAWISCHNIG – contrabaixo
HENRY COLE – bateria

06.NOV (6ª Feira)

DUO MÁRIO LAGINHA // BERNARDO SASSETTI

MÁRIO LAGINHA – piano
BERNARDO SASSETTI – piano

_CICLO INTERNACIONAL DE JAZZ DE OEIRAS AUDITÓRIO MUNICIPAL RUY DE CARVALHO //CARNAXIDE

A 6ª edição do CIJO, Ciclo Internacional de Jazz de Oeiras, vai apresentar neste Outono algum do melhor e mais criativo jazz que se pode ouvir hoje em dia. Serão dois fins de semana de música em contraste, mas que se completam através do jazz italiano de ROSARIO GIULIANI QUARTET e ENRICO RAVA NEW QUINTET (em 30 e 31 de Outubro), e do MIGUEL ZENON QUARTET, grupo norte-americano constituído por músicos de Porto Rico, Venezuela e Áustria, todos residentes nos EUA, e o nosso brilhante MÁRIO LAGINHA – BERNARDO SASSETTI DUO (em 5 e 6 de Novembro). Local: Auditório Ruy de Carvalho, em Carnaxide.

ROSARIO GIULIANI, natural de Roma, é um dos mais imaginativos saxofonistas (alto) da sua geração, e presença habitual na Orquestra de Guy Barker (britânica, que encerrou o Seixal Jazz 2008 com chave de ouro). Herdeiro exemplar de Charlie Parker, os seus solos têm uma modernidade particularmente criativa. ENRICO RAVA, natural de Trieste, é decerto o mais cotado trompetista italiano e um dos mais importantes da Europa. Antigo companheiro das experiências dos saxofonistas Steve Lacy e Lee Konitz, a sua música possui uma elegância contagiante, fruto de uma imaginação apaixonada presente nos seus solos. MIGUEL ZENON, natural de Porto Rico, bem conhecido do público de jazz local (apresentou-se com este seu quarteto no Seixal, em Lisboa e em Cascais), é mestre em associar os ritmos do seu país ao jazz contemporâneo, numa linguagem bem estruturada e particularmente contagiante. Luís Perdomo, o seu pianista, é um solista inspirado que se interessa igualmente pela música étnica da Venezuela. O festival termina com um concerto onde dois dos nossos mais inspirados pianistas de jazz, e brilhantes compositores, dialogam sobre temas originais da forma mais criativa que o jazz permite. MÁRIO LAGINHA e BERNARDO SASSETTI têm, indiscutivelmente, dado provas do seu enorme bom gosto, do conhecimento das diferentes linguagens da música, dos processos vários de as construir, destruir e reconstruir, num entendimento imediato que roça a genialidade.



Mário Laginha
e Bernardo Sasseti

_ OS VERDADEIROS ARTISTAS //PERFIS

ROSARIO GIULIANI, natural de Roma, onde nasceu em 1970, é hoje em dia um dos mais considerados saxofonistas de jazz de Itália, com uma linguagem contemporânea acessível, no respeito pela tradição de Charlie Parker (bebop). A sua extensa discografia tem recebido as mais elogiosas críticas quer na Europa, quer nos EUA.

ENRICO RAVA é o mais importante trompetista de jazz italiano, e um dos mais cotados da Europa, sendo igualmente um excelente compositor. Nasceu em Trieste, em 1939. Nos anos 60 e 70, viveu na Argentina (tendo colaborado com o saxofonista Gato Barbieri) e nos EUA, onde se tornou particularmente conhecido pelo seu estilo e improvisação. A sua sonoridade e domínio técnico do instrumento tornam-no fácil de reconhecer.

MIGUEL ZENON, natural de Porto Rico a viver nos EUA há anos, é hoje em dia considerado, pela crítica, um dos mais inspirados e tecnicamente completos saxofonistas de jazz norte-americanos. Foi premiado em 2008 com um “prémio especial”, para desenvolvimento da sua actividade de compositor e solista (jazz), de meio milhão de dólares, distribuídos entre 2008 e 2012.

DUO MÁRIO LAGINHA – BERNARDO SASSETTI

Trata-se de um grupo particularmente famoso entre nós, e no estrangeiro. Este excelente duo de pianos reúne dois dos três ou quatro melhores pianistas de jazz portugueses, interpretando fundamentalmente música original e de alguns compositores americanos.

MEIOS

_ PRODUÇÃO ARTÍSTICA
SOM DA SURPRESA, Lda.

_ ORGANIZAÇÃO:
Câmara Municipal de Oeiras

_ INFORMAÇÕES
214 408 582 / 24
paulo.afonso@cm-oeiras.pt
www.cm-oeiras.pt

_ INÍCIO DOS CONCERTOS:
22H00

_ BILHETEIRA
Preço dos bilhetes:
7,00 € (plateia e balcão)

_ LOCAIS DE VENDA
Loja de divulgação
e informação municipal,
no Oeiras Parque

Auditório Municipal Ruy de Carvalho
(Tel. 214 170 109): dias de espectáculo,
a partir das 18H00;

Lojas Fnac, Agência Abreu, Worten,
Pontos Megarede, El Corte Inglés

www.ticketline.pt
(Reservas: 707 234 234).

“HEDDA GABLER”, DE HENRIK IBSEN

_AUDITÓRIO MUNICIPAL EUNICE MUÑOZ

5^{as} FEIRAS, 6^{as} FEIRAS E SÁBADOS - 21H30 // DOMINGOS - 16H00





SINOPSE

A obra Hedda Gabler, escrita por Henrik Ibsen em 1890, é considerada por muitos, um dos maiores textos teatrais de sempre.

Henrik Ibsen nasceu a 20 de Março de 1828, na cidade de Skien na Noruega e faleceu a 23 de Maio de 1906.

Hedda Gabler, teve a sua primeira estreia mundial em 1891 no Residenz-Theater de Munique, na Alemanha.

Em Portugal a sua estreia aconteceu em Lisboa no antigo Teatro D. Amélia, actual Teatro S. Luiz, no dia 22 de Abril de 1898, pela companhia de Teatro Italiana de Eleonara Duse, onde a própria actriz assume o papel de Hedda Gabler.

Hedda Gabler, (Sofia Alves) é uma jovem aristocrática, filha de um general. Após a morte do General Gabler, começa a sentir que os seus tempos de juventude estão a terminar e resolve então casar com um historiador de nome Tesman (Guilherme Filipe) oriundo de uma família pequena ou burguesa. Tesman foi criado por uma tia, Julianne, (Elisa Lisboa) com o apoio de uma criada, Berta (Maria Dulce).

Mas este casamento está longe de ser o que Hedda teria imaginado para si.

Lentamente começa a sentir-se perdida e frustrada. A sua vida de casada com uma pessoa como Tesman, não era o que realmente esperava, come-

çando a complicar-se ainda mais, quando um seu antigo apaixonado, Lovborg (Paulo Rocha) e velho amigo do seu marido resolve aparecer na cidade. Lovborg regressa à cidade, após ter lançado um livro que está a fazer um grande sucesso e refeito do seu vício antigo pelo álcool. Mas para grande sofrimento de Hedda, existe uma nova mulher na vida dele, Thea Elvsted (Ana Rocha) que é ao mesmo tempo uma mulher casada com um Procurador.

Mas tudo será ainda mais complicado quando um velho amigo da família, Brack (Victor de Sousa), tenta seduzir Hedda.

Após a recusa inicial dela, ele irá tentar aproveitar-se de um deslize de Hedda para obrigá-la a ser sua amante.

É nestes jogos amorosos onde estão presentes as paixões, traições, dramas, mentiras e desilusões, que se desenvolve grande parte do enredo desta obra.

Ao mesmo tempo, temos a possibilidade de vermos, personagens que são simpaticamente incorrigíveis e outros inadaptados às circunstâncias da vida. Que conseguem assim no seu conjunto criar nesta obra, um retrato social do que foi o final de século XIX.

Um espectáculo que tem momentos cómicos – hilariantes – dramáticos, como uma verdadeira comédia – trágica.

INFORMAÇÕES

CE: M / 12 anos

CONTACTOS:

214 408 582 / 24 - 960 272 519
paulo.afonso@cm-oeiras.pt

RESERVAS:

960 272 519 / 932 025 651 -
paulo.afonso@cm-oeiras.pt /
dramaxproducoes@gmail.com

BILHETEIRA

Preço dos bilhetes:
5,00 € (plateia e balcão)

LOCAIS DE VENDA

Loja de divulgação e informação municipal no Oeiras Parque;

Auditório Municipal Eunice Muñoz
(Tel. 214 408 411): dias de espectáculo,
entre as 14H00 e o início do espectáculo;

Lojas Fnac, Agência Abreu, Bliss,
Worten, Pontos Megarede, Livraria
Bulhosa/Oeiras Parque, El Corte Inglés
www.ticketline.pt
(Reservas: 707 234 234).

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO E ENCENAÇÃO:

Celso Cleto

Elenco:

Sofia Alves, Ana Rocha, Elisa Lisboa,
Guilherme Filipe, Maria Dulce,
Paulo Rocha e Vitor de Sousa

Cenografia:

Carlos Abad

Figurinos:

Ana Sabino

Tradução:

Correia Alves

Adereços e Bijuteria:

Engenho & Arte

Construção de cenários:

E.P.C.

Equipa técnica:

José António (Cenografia),
Hélder Bugios (Adereços, Cena),
Carlos Bispo (Iluminação e áudio)
Anthony Fialho (Técnico de palco),
Marta Carvalho (Figurinos, palco)
e Rosa Maria (Produção)

Co-Produção:

Dramax – Centro de Artes
Dramáticas de Oeiras;
Câmara Municipal de Oeiras;
Câmara Municipal de Ílhavo e
Câmara Municipal de Portimão

“A FORMA E O SONHO”, ALEXANDER CALDER



_CENTRO CULTURAL PALÁCIO DO EGIPTO, OEIRAS

Após o sucesso da exposição inaugural do Centro Cultural Palácio do Egípto com uma mostra de obras do pintor catalão Salvador Dalí, este novo equipamento cultural da Câmara Municipal de Oeiras acolhe no seu espaço expositivo uma exposição do famoso pintor e escultor Alexander Calder.

Trata-se de uma mostra de dezanove obras de arte do artista plástico Alexander Calder (1898, Lawton, Pensilvânia – 1976, Nova Iorque), nomeadamente de um conjunto de catorze tapeçarias e de cinco redes de descanso (hamacas).

Os desenhos que compõem estas peças são característicos da iconografia fascinante, inventiva, gráfica, caprichosa e sempre alegre de Calder, revestidos de movimento que se transmite através de padrões gráficos circulares, linhas ondulantes, ondas, linhas repetidas e uma teoria psicológica da cor.



_HORÁRIO DA EXPOSIÇÃO

Até 06 de Janeiro de 2010_

Terça a domingo_11h30 às 18h00


Última sexta-feira de cada mês_11h30 às 24h00



_ELWING, HENRI

“É preciso saber que o vinho tem uma infância, quando é criminoso bebê-lo, uma idade madura mais ou menos longa, onde é bom ser bebido, e uma velhice, mais ou menos feliz, onde é imperativo que se o beba antes que ele morra”

_ Imagens de quadros pintados pelo artista Gustavo Fernandes



As obras que mostramos nas páginas 11, 26 e 27, 40 e 41, 70 e 71 são da autoria do artista plástico Gustavo Fernandes

_SÍNTESE CURRICULAR:

Percurso académico e profissional desenvolvido no Canadá e em Portugal. Experiência profissional adquirida ao longo de 25 anos pricipalmente dedicados à Pintura que o levaram a expor e desenvolver contactos em vários países.

Autodidacta, criativo e arrojado, na sua obra destacam-se pormenores, objectos, paisagens que lhe dão um real toque surrealista. Nesta vertigem surreal, deapontam cores luxuriantes, densas, em quase relevo nos traços fortes, que por vezes irrompem, violentos, num acervo que é também uma história reiventada dos sentimentos de Gustavo Fernandes, ressurgido como se fosse um sortilégio vivo que nada nem ninguém abate.

Procura incessantemente a liberdade que o artista deseja e pratica-o de forma sistemática. Para isso, age através de tintas, pincéis, bronzes e flashes, movendo-se com enorme destreza na pintura e no desenho como na escultura e na fotografia. A sua paleta de cores é variada, em matizes e gamas que utiliza com técnica rigorosa.

Continua a conquistar... ao demonstrar talento e experiência, ao dar provas de caminho feito percorrido a pulso ao longo de uma vida interior profunda, rica e muito intensa.

Contactos: 919785280 / gustavof@netcabo.pt







_ MARIA EMÍLIA XAVIER, A MULHER DO DINHEIRO DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

_ Nesta Oeiras em Revista vamos dar
a conhecer a Maria Emília Xavier,
Directora Municipal de Planeamento,
Gestão Financeira e Patrimonial
da Câmara Municipal de Oeiras.

texto por **CARLA ROCHA** _ fotos de **CARMO MONTANHA**



Maria Emilia Xavier tem um porte distinto, uma imagem suave, um sorriso doce e nada, nem ninguém, ao vê-la a calcorrear o Passeio Marítimo (que ela tanto gosta) pode imaginar a força motriz, a capacidade mobilizadora, a importância que esta mulher tem na Câmara Municipal de Oeiras. Responsável pela mais importante área da autarquia, nomeadamente Direcção Municipal de Planeamento Gestão Financeira e Patrimonial, aquela que gere os dinheiros da autarquia consegue, de uma forma exímia, orientar recursos, gerir expectativas e manter-se firme quando sabe que não pode ceder a pedidos. Há mais de vinte anos na Câmara de Oeiras, esta é a sua segunda casa. Cresceu na medida exacta em que crescia as suas responsabilidades. Trata as finanças pela segunda pessoa do singular. Entende e ouve de quem dela precisa da mesma forma que consegue dizer um rotundo 'não' quando assim tem de ser. Não cria expectativas. Não alimenta dúvidas. É assertiva e disponível... menos para dar entrevistas. Não gosta de se mostrar. Foi a custo que conseguimos marcar esta que agora reproduzimos. Valeu, no entanto, a pena a espera porque descortinamos, um pouco mais, desta mulher que sabe de onde vem e para onde quer ir. Sabe o que implica a gestão pública. Sabe que a gestão autárquica só pode ser feita com pulso forte. Coisa que Maria Emilia tem e sem descurar do seu lado feminino. Há mulheres assim!

Nasceu cá?

Não, nasci em Moçambique junto ao mar...

Com que idade veio para Portugal?

Com 20 anos. Vim para a faculdade e viver para a terra do meu pai, Peniche, cidade de que gosto, e que me permitiu manter a grande ligação ao mar, que ainda hoje sinto...

Mas acabou por estar pouco tempo em Peniche?

Sim, fui viver para Lisboa, onde estudei, mudando depois para Carcavelos e mais tarde para Oeiras, concelho onde ainda permaneço.

Que curso tirou?

Curso de Organização e Gestão de Empresas, ISE no Quelhas.

E opta por este curso por algum motivo especial, por influência de alguém?

Não, foi o que sempre quis. Tenho o privilégio de exercer a actividade que sempre ambicionei e pela qual nutro um gosto relevante.

Sempre trabalhou para o público ou teve alguma experiência no privado?

Comecei no sector público ao ter auferido de uma bolsa de estudo, na Inspeção de Crédito e Seguros. Seguidamente passei pela área do ensino, simultaneamente à actividade exercida no sector privado, onde desempenhei funções na área financeira e contabilística, tendo ingressado em 1982, nos quadros da CMO.

Que expectativas tinha quando chegou à câmara?

As expectativas inerentes a qualquer jovem, com ambição e vontade de dar o seu contributo no desenvolvimento de um serviço público de superior qualidade.

“Quanto “aos amores e desamores” é algo que registo de forma afável e que traduz sentimentos que nos fazem evoluir, a vida é feita de encontros e desencontros, os desamores também são necessários, estes dois sentimentos completam-se.



Como foi o seu percurso dentro da câmara?

Iniciei em 1982 como técnica superior, em 1987 fui nomeada, em comissão de serviço como Chefe de Divisão Financeira, cabendo-me coordenar as secções de Contabilidade, economato, património, taxas e licenças e tesouraria. Exerci o cargo de Directora de Departamento de Administração Geral em virtude do Director de Departamento se encontrar na situação de licença sem vencimento, coordenei as Divisões Administrativa, Recursos Humanos e Polícia Municipal, em acumulação com a chefia da Divisão Financeira.

Exerci o cargo de Directora de Departamento de Administração Geral, por aposentação do Director de Departamento acumulando com a chefia da Divisão Financeira até à nomeação do novo Director de Departamento. Em 1996 fui nomeada Directora de Departamento de Finanças e Património, competindo a coordenação das Divisões Financeira, de Património e tesouraria, que acumulei com a chefia da Divisão de Património, até finais de 2000, e da Divisão Financeira até Maio de 2007, tendo em Setembro do mesmo ano, sido nomeada Directora Municipal de Planeamento Gestão Financeira e Patrimonial, cuja missão é garantir o cumprimento das linhas estratégicas da gestão financeira e orçamental e da valorização e rentabilização do património municipal.

Esta Direcção integra o Departamento de Planeamento e Gestão Financeira e o Departamento de Gestão Patrimonial e Contratação Pública. Sendo que, na minha directa dependência, funciona o Serviço de Gestão de Participações, Candidaturas e Projectos. O meu percurso na organização tem sido uma mais valia em termos de conhecimento até no sentido de saber e compreender o que é exercer cada um destes cargos, a adaptação às novas exigências e dificuldades, os medos, mas também dando uma total abertura à criatividade e apelo à participação na discussão e resolução dos problemas, respeitando as diferenças, mas exigindo responsabilidade e compromisso.

Possui uma Direcção Municipal fundamental, que é a de Planeamento e Gestão Financeira e Patrimonial, como consegue gerir as expectativas dos vários departamentos e consequentes pedidos? Os amores e desamores?

A Direcção Municipal que dirijo é transversal a toda a organização, não sendo tarefa fácil conseguir alcançar a satisfação de todos os intervenientes, contudo, fazemos o nosso melhor, visando o cumprimento das orientações estratégicas, das prioridades estabelecidas, os desafios e oportunidades que se colocam, no sentido de melhorar e reforçar a sustentabilidade, na afirmação da CMO num espaço económico mais competitivo, mais exigente na capacidade de resposta, e numa administração cada vez mais simples, eficiente e de melhor qualidade, sempre com uma visão mais prospectiva, com os olhos no futuro. Quanto “aos amores e desamores” é algo que registo de forma afável e que traduz sentimentos que nos fazem evoluir, a vida é feita de encontros e desencontros, os desamores também são necessários, estes dois sentimentos completam-se. Os projectos que pretendemos atingir e que a dado momento, por qualquer razão, são traçadas outras directivas, introduzidas outras variáveis, não é razão para se tornar “drama”, é mais uma oportunidade de reflexão e de reprogramação que nos faz crescer, é transformar os obstáculos em oportunidades, os desamores podem levar-nos a uma rotura saudável, quando nos levam a sair de situações de rotina e desenvolver outras motivações, é um novo desafio muitas das vezes até nos dá mais força e uma atitude pró-activa para vencer esses obstáculos, bem como, atingir os objectivos com mais “garra”.

É um lugar de muita pressão e peso, isso não lhe retira tempo para as suas coisas mais pessoais?

A pressão é encarada por cada um de modo diferente, consoante a sua personalidade, para mim como se compreende, depois de vinte e sete anos aqui na Câmara, aprendi a estabelecer um quadro prioridade dentro da lógica da organização, e às vezes, a pressão é um reforço à criatividade. No essencial, julgo que administro bem a minha vida profissional

Maria Emilia é adepta das caminhadas

e pessoal, ainda que me seja exigida uma disciplina exaustiva e particularmente rigorosa.

Já não saberia trabalhar de outra forma?

Acho que não, porque me habituei a trabalhar assim.

Se estivesse num sítio calmo, com um dia-a-dia onde não houvesse pressão...

Isso para mim não dava, só no período de férias.... Quanto ao retirar tempo para as minhas coisas pessoais tento também gerir dentro do quadro das prioridades familiares, viajar, ler, caminhar, até porque aprendo a lidar com as diferenças, e a perspectivar o futuro de uma forma global, porque não nos podemos apenas ver nesta aldeia aqui à beira mar plantada, porque a verdade é que pertencemos ao mundo global, quer queiramos quer não. Como referi, nasci em Moçambique e estive lá até aos 20 anos, depois fui para Peniche e de Peniche rumei a Lisboa. Sou casada com um homem de origem alemã e a minha sogra sendo alemã, foi casada com um homem de descendência indiana, o que me facilitou esta visão global do mundo.

Ou seja, quer com isto dizer que tem a perfeita noção de que acima de tudo pertencemos a este mundo global?

Sem dúvida alguma.

É casada com um descendente de mãe alemã, desmistifique se são ou não um povo frio.

Acho que os alemães têm características próprias como qualquer outro povo. De qualquer modo, têm uma visão racional da vida e dos factos pelas vivências históricas. São um povo organizado e vanguardista e acho que isso é importante, revejo-me nalguns destes aspectos, nomeadamente na organização e exigência, entre outros.

Toda a sua vida é feita de vários conhecimentos, várias vivências, vários povos e isso abriu-a ao mundo.

Sem dúvida. Mas mais do que me abrir ao mundo, como diz, obrigou-me a ver as coisas de outra maneira. Tive o privilégio de nascer numa terra extraordinária em que a visão do mundo e das pessoas é diferente... e até a própria entrega aos outros. A entreaajuda entre as pessoas é feita sem se pedir algo em troca. É genuíno.

Nunca pensou ir viver para a Alemanha?

Por via da profissão do meu marido já se colocou essa hipótese, mas acabamos por não ir (risos). Teria que ir estudar alemão e não sei como seria!!! Fica sempre a interrogação do que teria sido!!!



Como consegue conciliar a carreira com a vida familiar?

Também aqui não é fácil gerir o tempo e os meios de que disponho, de forma a conciliar as necessidades pessoais com a minha vida profissional, sendo que prezo o facto de os ter conseguido gerir positivamente ao longo da minha carreira, uma vez que a nível familiar, tal como na vida profissional temos projectos que ambicionamos concretizar e estas dinâmicas entrecruzam-se como é natural, organizamo-nos conferindo entreaajuda e responsabilização, de modo a conferir à nossa família sustentabilidade e estabilidade, sendo que à semelhança do que acontece no plano profissional tenho uma família de que me orgulho [diz com ênfase e sorrindo].

O orçamento de 2008 foi inovador porque dá início a um novo paradigma na gestão autárquica através das parcerias público privadas. Mas no concreto, em que é que estas parcerias vieram alterar no quadro económico da gestão autárquica?

As parcerias público privadas, como o nome indica, são uma modalidade de envolvimento de entidades privadas em projectos de interesse público. Essencialmente vieram conferir uma outra dinâmica de funcionamento, mais meios, maior eficácia, sem que isso cause impactos imediatos sobre o quadro de endividamento público, requerendo por parte dos parceiros, elevadas capacidades financeiras, técnicas, de gestão de recursos e de manutenção de condições de sustentabilidade adequadas durante a vida do contrato. Enveredar por uma situação destas, pressupõe como deve calcular, uma clara enunciação dos objectivos da parceria, definindo os resultados pretendidos e a adequada atribuição de responsabilidades das partes, com base no desenvolvimento de estudos que evidenciem as vantagens comparativamente a formas alternativas de alcançar os mesmos fins, simultaneamente para os parceiros devem estar criadas as expectativas do retorno adequado aos montantes investidos e a partilha de riscos. No Plano Estratégico Municipal, foi prevista exactamente esta situação



sendo que o Município pensa investir na ordem dos cem milhões de euros nas parcerias publico-privadas. Sessenta milhões, já estão adjudicados e correspondem ao Centro de Congressos, ao Pólo de Formação Profissional de Outurela, e às Escolas EBI com Jardim de Infância de Porto Salvo e Alto de Algés, e Centros Geriátrico de Laveiras e Porto Salvo, prevê-se avançar com o Edifício dos Paços do Concelho ainda em 2009, e no próximo ano com o Pavilhão Multiusos do Alto da Boa Viagem.

Imagino que gira o orçamento mediante as Grandes Opções do Plano, mas há margem para projectos que não estando planeados nas GOP possam e devam ser exequíveis?

Como calcula existem regras que não se podem ultrapassar. O Município de Oeiras foi sempre muito pró-activo na visão estratégica de desenvolvimento sustentável, tendo sempre em vista proporcionar aos seus munícipes qualidade de vida e bem-estar. Teve sempre uma perspectiva de futuro ambiciosa e isso obrigou-nos a planear de modo a que no orçamento fossem contempladas verbas, na eventualidade de surgirem situações que tivessem de ser aproveitadas de imediato pelo município, que nos possibilitassem agarrar essas oportunidades. Veja-se o que aconteceu com os Fundos Comunitários, nós fomos singulares nessa matéria. Tivemos abrangência e fizemos muito no concelho com os fundos comunitários. E porquê? Porque tínhamos projectos credíveis e estávamos atentos às candidaturas. A cultura desta organização, é “timoneira” e motiva-nos a ir atrás dos desafios. As Grandes Opções do Plano traduzem a dimensão multifacetada da actividade desenvolvida pelos serviços municipais reflectindo a diversidade e riqueza da intervenção municipal nas mais diversas áreas, e reflectem juntamente com o Plano Estratégico o contexto político, económico e financeiro, em prol do desenvolvimento do Concelho, o Orçamento é um instrumento de gestão que contém a previsão das receitas e despesas, essencial para a gestão pública do Município.

“(...)o Município pensa investir na ordem dos cem milhões de euros nas parcerias publico-privadas. Sessenta milhões, já estão adjudicados(...)”

Você vem para a câmara antes do Dr. Isaltino, ou seja, cresceu na medida em que a câmara também crescia.

É verdade. Para mim, tem sido uma escola, que complemento com a frequência de outras “escolas” no sentido de estar com a família, divertir-me, viajar, ver bons espectáculos..., e se não tivesse feito todo este percurso e apreciasse este lado da vida, não estava disponível para investir profissionalmente como tenho feito.

O orçamento de 2009 teve acréscimo relativamente ao de 2008. E o de 2010, continuou a crescer relativamente ao de 2009?

O Orçamento de 2009 cresceu apenas 3,82%, para 2010 espera-se que o crescimento seja o referente à taxa de inflação prevista no orçamento de Estado, sendo que a tendência do orçamento municipal é em primeiro lugar respeitar os princípios e regras orçamentais, e aproximar o crescimento deste, da capacidade de execução, tornando-o cada vez mais, um instrumento de gestão compatível e ajustado à realidade.

Parte da equipa de Maria Emilia Xavier. Ao todo são 67 funcionários que constituem a equipa.

A que se devem estes aumentos?

Resultam da aposta na melhoria contínua e nos investimentos efectuados, ao nível dos espaços verdes, (1.917.178m2 de manutenção com valores aproximados dos €3.000.000,00), requalificação do espaço público e urbano (€1.000.000,00), limpeza urbana (cerca de €7.000.000,00) segurança e vigilância, requalificação e reparação de equipamentos escolares (€1.000.000,00), habitação social, reparação e conservação (€700.000,00), e o investimento que será feito no Parque dos Poetas, e na continuidade do Passeio marítimo, por exemplo.

O papel das autarquias tem vindo a aumentar relativamente às principais actividades sociais das população, até porque cada vez mais a Administração Central coloca sobre as autarquias a responsabilidade de áreas que não possuíam, como gerir este constante aumento da despesa pública?

As autarquias têm um papel cada vez mais importante, até pelo facto de estarem mais próximas das populações, tendo a obrigação primeira, de contribuir para a qualidade de vida dos Municípios, apostando numa ainda mais forte política municipal social, apoiando aqueles que mais necessitam nos diversos fins, nomeadamente veja-se o que tem sido feito por este município, ao nível da habitação social, educação e condições de acesso à saúde. Saliento até as recentes e excepcionais medidas tomadas no que respeita ao pagamento de dívidas relativas a rendas e consumo de água, em atraso, atendendo à difícil conjuntura económica em que nos encontramos.

É incontornável falarmos nas mudanças tecnológicas que foram efectuadas este ano, na autarquia, falo da passagem do modelo SAP para o AIRC, como tem corrido esta mudança? Sim, porque as mudanças nem sempre correm da melhor maneira, às vezes vem seguidas de alguma resistência...

Isto parece-me um paradoxo, uma vez que não sou nem da área das tecnologias nem da comunicação, e como sabe neste mundo global em que vivemos, social e tecnologicamente falando, tudo é fluido, e essa fluidez é dinâmica, a informação corre a um “click”, independentemente do fuso horário, da noite, do dia ou do país. É de facto natural que as mudanças ocorram, e são salutares até porque a mudança e a modernização é encarada, como pilar essencial para uma melhor administração e transparência, só desta forma será possível disponibilizar aos diferentes gestores e utilizadores internos, informação seleccionada e específica para a sua



área de intervenção, de modo a que a partilha desta informação seja útil na gestão de cada unidade operacional. No caso concreto e no meu entendimento, a dificuldade não foi a resistência à mudança mas antes as condicionantes inerentes à própria aplicação.

As verbas provenientes do orçamento de Estado foram cortadas, não obstante do aumento da despesa, como consegue gerir estas duas conjunturas opostas?

Oeiras sempre perspectivou o futuro. Veja-se o que se fez relativamente aos fundos comunitários, aproveitamo-los perspectivando o futuro de modo inovador e criativo, e isto sem falsas modéstias. Oeiras conseguiu centrar os melhores clusters, designadamente, nas áreas das novas tecnologias e da investigação, aliás, não é em vão que lhe chamam o silicon valley Português. Portanto, apesar das dificuldades que são notórias ao nível do Orçamento de Estado, houve de facto, um pensamento visionário e pragmático, no sentido de canalizar para Oeiras as infraestruturas necessárias à sustentabilidade do concelho, de modo a atenuar as dificuldades orçamentais. Isto é reconhecido.

Uma mulher e ainda por cima uma mulher bonita, feminina, numa área financeira, não é muito comum. Fale-me um pouco desta vertente que, se calhar erroneamente, achamos que é uma área mais masculina, e que neste caso é vivida por uma mulher. Sente que causa impacto?

(risos) Não. Mas quero agradecer-lhe o elogio, de qualquer modo acaba de responder à sua pergunta, e à partida com um preconceito, que me parece



inadequado, basta olhar para a nossa organização e ver quantos cargos dirigentes são ocupados por mulheres, e quanto a mim, julgo reunir o consenso e respeito de todos no ambiente profissional. Já agora que se fala tanto de “quotas”, acrescento que ao longo da minha carreira profissional, há medida que fui subindo na hierarquia, fui sempre legitimada por homens. Repare-se que, na nossa história as mulheres têm-se distinguido nas diferentes áreas, na pintura, na literatura, no desporto, na política, refira-se Florbela Espanca, Agustina Bessa Luís, Sofia de Mello Bryner, Maria Morais, Paula Rêgo, Rosa Mota, Natália Correia ou Maria de Lurdes Pintassilgo.

Por fim, 2009 é um ano especial, ou seja, fazemos 250 anos. Que balanço faz deste ano que tem sido um ano em cheio?

As comemorações dos 250 anos são de facto uma data histórica para o nosso concelho, palco de uma dinâmica cultural impar, sendo que mais do que preparada (estou sempre) sinto uma grande e manifesta satisfação em participar nestas celebrações. No orçamento foram definidas prioridades para que tudo se pudesse realizar.

Voltando à Maria Emilia fora da autarquia, dizia-me que gostava de ler, que género aprecia?

Literatura em geral, os clássicos, ficção, romances. Actualmente estou a ler um livro que uma amiga me ofereceu, trata-se de um clássico da literatura universal de Jane Austen “Persuasão”. Os livros levam-nos também ao encontro de outras culturas, onde é possível perceber as diferenças entre povos e respeita-las.

Voltou a Moçambique?

Sim, já tive essa oportunidade. O Sr. Presidente numa visita motivada por uma geminação convidou-me a integrar a comitiva, o que para além do trabalho, me facultou a oportunidade de voltar à terra onde nasci.

E como foi revisitar a sua terra?

Emocionante. Verdadeiramente emocionante.

Vive no concelho?

Sim, vivo em Linda-a-Velha e como gosto muito de andar a pé, tenho prazer em calcorrear os espaços lindos que Oeiras tem.

Tem filhos?

Sim, dois rapazes que adoro, que admiro e que me surpreendem a todos os níveis.

E eles sempre foram compreensivos tendo em conta a ausência da mãe?

Mesmo sujeita a uma limitada disponibilidade, acho que estive sempre presente nos momentos cruciais da vida dos meus filhos e da minha família, sempre, e nunca os releguei para segundo plano. Procurei acompanhá-los a nível escolar, apesar dos meus afazeres profissionais e do horário carregado que tenho, e posso congratular-me de ter dado aos meus filhos uma educação impar. Tenho muita sorte com os filhos que tenho. São excepcionais e o meu maior orgulho.



_ O TANQUE _ ARQUEOLOGIAS _ DA CRIATIVIDADE

_"ACTA CRIATIVA DE UMA ACÇÃO DE
_ MANUTENÇÃO ARTÍSTICA DO TANQUE
_ DO JARDIM QUINTA DOS SETE CASTELOS"

textos e fotos por **ARQ. LUÍS MARIA BAPTISTA** _

Pretende o presente texto, constituir-se como uma acta criativa do encontro ocorrido no dia 22 de Setembro de 2009, no tanque do Jardim da Quinta dos Sete Castelos em Santo Amaro de Oeiras, entre um grupo de jovens artistas, com o pretexto de aí desenvolverem uma acção de natureza artística.

Combinaram encontraram-se para pensar e experienciar o espaço do tanque. Fazer aparecer vocações programáticas escondidas, descobrir valores essenciais invisíveis e exercitar valores de memória intemporais que o tanque de uma quinta pode guardar. Os primeiros a chegar à hora marcada, foram o João e o Sérgio. Meia hora depois chegaram o Diogo e o Luís. Depois o Duarte. Finalmente a Joana.

Atravessaram todos a alameda central do grande jardim que domina toda o espaço, em direcção à velha casa construída e desenhada pelo seu primeiro proprietário Waldemar d'Orey em 1898.

Tiveram a sorte de assistir a um dos gestos quotidianos mais admiráveis deste espaço. Quando chegaram o pavimento de gravilha fina estava ainda a acabar de ser penteado pelo jardineiro, que de ancinho na mão o riscava cuidadosamente, como se de um gesto matinal de cuidado corporal se tratasse. A noção de ritual invadiu o corpo dos jovens artistas que iam chegando, com a intenção de aí também desenvolverem uma acção dessa natureza. Cautelosamente, em estado de flutuação, atravessaram a alameda central em bicos de pé, por causa da não alteração do equilíbrio essencial que esta acção de afagamento diário do corpo do jardim imprime a todo este espaço.

Por entre palmeiras, pinheiros, arbustos, canaviais, sebes, relvados e flores, através de caminhos e labirintos chegaram ao velho tanque quadrado de pedra, na extremidade norte do jardim.





Meio afundado, meio acima da superfície, actualmente vazio, serviu outrora a rega das hortas e dos jardins. Ao lado dele, o grande sentinela da quinta: o moinho de vento.

Começaram por desenvolver exercícios lúdicos de aquecimento antes de se confrontarem com ele. O Diogo, o João e o Sérgio brincaram com o ar e com balões brancos que tinham trazido, que se ouviram rebentar um a um. O Duarte preparou a entrada no tanque, instalou junto dele, dois escadotes de madeira velhos e desengonçados que tinha trazido, um com o dobro da altura do outro. Um do lado de fora, outro do lado de dentro. O Duarte pretendia que se entrasse nele com a ajuda deles.

O Luís deitado no chão do caminho central do jardim ortogonal, ladeado por um denso canavial adiou o confronto com o tanque pintado de azul claro bem iluminado, o mais que pôde. Fotografava-o de soslaio, bem como todos os fragmentos de movimentos em redor dele que conseguia captar a partir da posição em que se encontrava. Tinha-se deixado ficar a pressenti-lo. A ganhar energias para o que se ia seguir.

Quando se levantou estava desenvolvido o processo-ritual de essencialização, de enamoramento e de aproximação à realidade material, real e ideal do tanque.

Individualmente e em conjunto tinham tocado / exercitado com o corpo todo, as paredes que o delimitam acima do nível do solo. Tinham-se aproximado e afastado o número de vezes suficiente do seu contorno. Estavam essencializados, investigados e levantados todos os pormenores exteriores em redor dele.

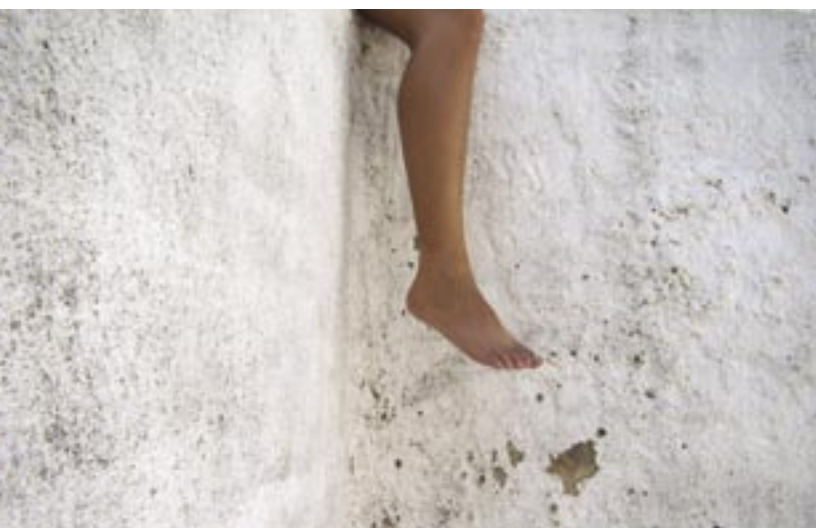
Debruçados nos muros espessos para espreitar o interior do tanque, pularam para cima da sua espessura inclinada, equilibraram-se nela e percorreram-no a toda a volta, medindo-o com os pés. Ainda antes de se aventurarem nele, o João e o Duarte subiram à estrutura metálica do moinho de vento para o olhar de cima para dentro. O Diogo fotografava tudo atentamente.

Aos poucos mergulharam, afundaram, entraram nele. O Diogo, o João e o Sérgio saltaram para o seu interior. O Duarte acedeu-lhe pelos escadotes que havia trazido. Trouxe também consigo um gravador de som, uma cadeira preta modelo “Plia” de época, uma vassoura, uma pá, um balde, umas luvas e um chapéu. As máquinas fotográficas do Diogo, do João e do Luis completavam o Kit, destes jovens essencializadores de espaços. O tanque tornara-se num dispositivo de pensamento. Contentor e guardador de estranhos, que aí se tinham reunido para desenvolverem acções essencializadoras de experenciação do espaço de um tanque. Rapidamente se transformou num abrigo acolhedor.

Lá dentro o Duarte centrou a sua atenção numa pequena planta que havia nascido em condições adversas, na parte superior de um canto, de um outro pequeno tanque de pedra também quadrado bem no centro e no fundo do tanque maior onde todos se encontravam. A sua fragilidade resistente fez com que o Duarte cuidasse dela como o verdadeiro tesouro daquela situação espacial. Protegeu-a retirando até uma certa profundidade, todo o entulho à vista, que ocupava esse outro pequeno tanque, dentro do maior onde todos se encontravam. Paralelamente à acção do Duarte, o João varria geometricamente o fundo do tanque, seguido fotograficamente pelo Diogo. Varria o lixo em diagonal a partir dos cantos para o centro, na continuidade das linhas de sombra e de luz que inundavam todo o tanque.

O Luis tinha entrado e saído do tanque. Sentado na borda superior, na espessura inclinada do tanque registava e contemplava daí todos estes gestos de manutenção física e artística do tanque.

Entretanto chegara a Joana, que em silêncio inclinada na borda do tanque observava tudo.



O Duarte de vez em quando parava para descansar. Sentava-se na cadeira que havia trazido e deixava-se ficar a admirar a acção de essencialização que estava a realizar. Fazer aparecer uma planta num meio completamente inóspito, era a obra que se tinha predisposto formalizar nesse dia.

O sol intenso fazia sentir-se. Sentados no chão, no interior do tanque, tinham todos entretanto refugiado-se na sombra, excepto o Luis que continuava sentado na parte de cima do tanque. Aproveitaram esse momento para questionar e objectivar a razão da presença de todos naquela situação, consciencializar e nomear acções e funções. Gerir conflitos conceptuais. Sintetizar e partilhar pensamentos. Nunca a palavra “desenho” deu tanta confusão, nunca as palavras se invalidaram tanto umas às outras. Passou-se da pura partilha de ideias, ao conflito retórico e argumentativo. O tanque revelava assim a sua verdadeira força, transformava-se num território de medição de forças. Num território de disputa e partilha de pontos de vista. Num espaço de poder, de esforço físico e psíquico. Por vezes incómodo. Onde inteligência, persistência e teimosia se cruzavam desorganizadamente. Conflito retórico sem mediação à vista.

Salvos pelo bom senso da acção silenciosa da única mulher presente, a Joana, tinha entretanto entrado dentro do outro pequeno tanque, bem no fundo e no centro do grande tanque onde se encontravam todos. Tinha começado um novo processo de escavação. Silenciosamente como que numa espécie de ritual mágico, religioso e simultaneamente arqueológico, a Joana e o João, que entretanto se lhe juntara, tomaram o rumo da acção. Não paravam de tirar daquele pequeno tanque, além das folhas e dos ramos em decomposição, terra, pedras, tijolos, azulejos, objectos do quotidiano, garrafas, sacos, talheres, tecidos, plásticos, engrenagens plásticas e metálicas, brinquedos, pedais de bicicleta, bolas de borracha, bonecas, restos de materiais e de espaços depositados e sobrepostos em camadas sem fim à vista. Toda uma panóplia de objectos e materiais variados que à medida que eram retirados daquele pequeno lugar, faziam sentir mais intensamente toda a realidade em redor. Tínhamos acedido directamente ao seu espaço mais interno e simultaneamente mais íntimo, ao espaço das memórias de todo este grande corpo que é quinta. De repente fazia-se sentir toda a vida intensa que esta residencial já teve. Ouviam-se as vozes, o burburinho das crianças, o som dos animais e das árvores. Pressentiam-se os espaços da quinta: a casa, a capela, a fonte, a estufa, o picadeiro, a cocheira, o jardim, as hortas, o campo de ténis e o ringue de patinagem e a vida quotidiana que já tiveram. Cada descoberta transformava a percepção de toda a realidade à volta. Cada objecto que saía magicamente de dentro daquele pequeno tanque tornava-se na síntese de tudo o que aquele espaço já tinha sido.



“O tanque tornara-se num dispositivo de pensamento. Contentor e guardador de estranhos, que aí se tinham reunido para desenvolverem acções essencializadoras de experiência do espaço de um tanque. Rapidamente se transformou num abrigo acolhedor.”



ENQUADRAMENTO

LOCALIZAÇÃO

Santo Amaro de Oeiras,
Jardim da Quinta dos Sete Castelos

DATA

22 de Setembro de 2009

HORA MARCADA

10h

PONTO DE ENCONTRO

Tanque

INTERVENIENTES

Diogo, Duarte, Joana, João, Luis e Sérgio

Agradecimentos especiais à Joana e ao Duarte que estiveram na origem do encontro que aqui descrito. Aos dois muito obrigado.

Estávamos a assistir a uma acção de escavação arqueológica, de revelação da criatividade e da imaginação humana de um lugar.

Dar forma à experiência de um lugar, a partir de um tanque, era o que este grupo de jovens artistas se tinha proposto fazer aparecer.

Permitir a experiencição do espaço de um tanque, a partir de um número reduzido e essencial de acções, a quem viesse a atrever-se a entrar nele era o objectivo. Era esta a motivação da batalha interpretativa entretanto travada em busca de sentidos objectivados, que podiam pôr em causa a experiencição de um lugar. Discutia-se de que maneira a experiencição de um lugar pode ou não depender na sua essência de artefactos ou artificios, para lá da acção resultante da gestualidade humana.

O dia estava ganho. Tinham conseguido fazer a experiência (artística e lúdica) de um lugar a partir de um espaço que o sintetiza na sua essência: o tanque.

Quem passou por lá nos dias seguintes e se atreveu a entrar dentro do tanque principal do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, por dali se avistarem sete castelos, afirma ter visto no fundo do tanque mais pequeno, um novo castelo. O oitavo: (∞), onde talvez venham a morar investigadores e cientistas, deixado quem sabe por um dos muitos jovens artistas que passam por aqui nesta época do ano.



_BETSCH, ROLAND

“No vinho estão a verdade,
a vida e a morte. No vinho estão
a aurora e o crepúsculo, a juventude
e a transitoriedade. No vinho está
o movimento pendular do tempo.
No vinho se espelha a vida.”

_ Imagens de quadros pintados pelo artista Gustavo Fernandes

LÁGRIMA

São as gotas que normalmente escorrem pelas paredes dos copos quando servimos o famoso “néctar dos deuses”. Resultam da diferença da velocidade de evaporação entre a água e o álcool.





_VINHO DE CARCAVELOS

“O bom vinho é um camarada bondoso e de confiança, quando tomado com sabedoria”

William Shakespeare

texto por **CARLA ROCHA** _ fotos de **CARLOS SANTOS**

_O NOSSO “VINHO DA CASA”

Um vinho licoroso, delicado, de cor topázio, aveludado, com um certo aroma amendoado, adquirindo um perfume acentuado e característico com o envelhecimento. São estas as principais especificidades deste néctar dos deuses, gerado tão perto de todos nós. O vinho de Carcavelos, famoso desde o tempo do Marquês de Pombal,

faz parte de um leque infindável de preciosidades que temos em Oeiras. Fomos perceber mais sobre a origem deste néctar, e desde que nasce até que chega à comercialização. Para tal falámos com os especialistas na matéria. Embarque connosco neste viagem de aromas e aceite o nosso brinde! À nossa!!





_ PROGRAMAÇÃO DA EXPANSÃO DA VINHA – PRÓXIMOS 10 ANOS

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2018	2019
ÁREA DE VINHA PLANTADA	7,7	13	13	16,5	20	20	20	20	20
ÁREA DE VINHA EM PRODUÇÃO	7,7	7,7	7,7	7,7	13	16,5	20	20	20
ÁREA DE VINHA A PLANTAR		5,3		3,5	3,5				
PRODUÇÃO REAL E POTENCIAL	28.230	34.320	42.000	42.000	71.500	90.750	110.000	110.000	110.000
CUSTOS INVESTIMENTOS	34.650,00€	115.529,00€	78.785,62€	81.149,19€	0,00€	0,00€	0,00€	0,00€	0,00€
CUSTOS VARIÁVEIS	188.550€	248.796€	287.764€	334.643€	396.850€	444.738€	495.142€	557.287€	574.005€

ENQUADRAMENTO

_ VISÃO

Produzir e promover um vinho generoso da região demarcada de Carcavelos de alta qualidade, referenciado à marca “Conde de Oeiras”, com expressão nacional e internacional.

_ MISSÃO

Garantia de excelência em todos os processos produtivos e comerciais

Atingir elevados padrões de qualidade exigidos.

_ OBJECTIVOS

Instituição de trabalhos agrícolas e enquadramento enológico necessário
Instalação de equipamentos que suportem a produção

Promoção de infra-estruturas necessárias à boa produção

Promoção de expansão de vinha

Garantir processo produtivo do vinho “conde de Oeiras”, incluindo produtos complementares, nomeadamente a produção de aguardente

Assegurar metodologia processual que permita a musealização integral da produção do vinho

Promoção de relações institucionais com outras regiões demarcadas em Portugal, na Europa e no mundo.





ENTREVISTA COM A ENÓLOGA ENG.^a ESTRELA PROPOMOS UM BRINDE!

_ Neste especial, era incontornável repor uma conversa tida, em tempos, para o boletim Oeiras Actual, com a Eng.^a Estrela, enóloga responsável pelo vinho de Carcavelos. Com ela, fazemos uma viagem que começa com a uva e acaba com o único Carcavelos num copo, para ser apreciado. Um brinde a quem faz, e tão bem, este vinho generoso.

Estava ansiosa pela nossa conversa porque sou transmontana, mais precisamente duriense e apreciadora de vinhos generosos, e como tal estava ávida por falar com a mulher que tão bem faz o Carcavelos.

Eu já estive nos seus lados. Sou de Coimbra e fui até Trás – os – Montes, porque quando acabei o curso fui convidada pelo Eng. Camilo de Mendonça para ir trabalhar para esses lados. E naquele tempo aquilo era desértico, era o fim do mundo. E no primeiro dia em que lá estou, vou a um café beber uma bica e fumar um cigarro. Entro e só estavam lá homens. Fez-se um silêncio total. Peço a bica e acendo um cigarro, bem, foi um escândalo.

Nunca arranjaría casamento ali, tem consciência, não tem?

(Risos) Pois tenho, pois tenho. Havia de ver os olhares de reprovação!

Imagino o que deveria ter sentido, embora já devesse estar habituada a ser uma minoria, afinal mulheres na sua área, naquela altura, deviam ser muito poucas?

Eram 5 ou 6. Por isso eu já estava habituada ao mundo de homens.

Pois, aqueles homens é que não estavam habituados a uma mulher como você?

Pois não. Aquilo foi uma experiência interessante, sabe como me tratavam? Eu era a menina da cooperativa.

Olhe que até é um nome muito simpático. Mas deixemos o meu Douro e falemos do nosso vinho de Carcavelos.

Parece-me muito bem. Diga coisas.

Não, eu quero é que seja você a dizer como começou a sua ligação ao vinho de Carcavelos, Conde de Oeiras.

Eu fui funcionária da estação vitivinícola nacional onde estive 33 anos onde fui responsável pela adega e pelos laboratórios. Por sinal estava na estação agronómica de Oeiras o Eng. Luís Carneiro que estava ligado à viticultura, área à qual nunca estive ligada e que me disse ‘Você podia fazer Carcavelos’.





É importante dizermos porque muitas pessoas não sabem, que a viticultura e a enologia não é a mesma coisa.

Pois não, é que os de viticultura sabem da vinha e os de enologia sabem dos vinhos e depois têm de se completar, mas são áreas distintas.

E depois o Eng. Carneiro lança-lhe o repto e você aceitou logo?

Confesso, eu nunca tinha ouvido falar do vinho Carcavelos, nunca. Ele lá me disse que era um licoroso e pouco mais. Mas como eu era muito estudiosa, fui saber tudo o que era possível saber sobre este vinho desde o tempo do Marquês. Fiquei estupefacta com a fama do vinho, de como tinha sido exportando para tantos sítios e que era conhecido como Lisbon Wine. E então disse que sim senhora, eu fazia o Carcavelos, mas queria fazê-lo à minha maneira.

E como foi o início?

Eu pedi umas uvas da Estação Agronómica para fazer um ‘casquinho’, assim uma coisa quase a tocar a brincadeira, só para ver como me saía. E lá fiz. Um dia a Estação Agronómica recebeu um grupo de escanções e o Eng.º Luís Carneiro diz que tem lá um vinho que eu tinha feito. Eles pediram para provar. Aquilo era um casco de 200Lt de vinho que eu dei a provar e os homens acharam um espectáculo. Eu disse ‘não sei como era o outro Carcavelos, o meu é assim’.

Ou seja, quando começa a produção não tinha ideia de como era o Carcavelos original? Foi quase um recomeçar do zero?

Foi, porque só tinha algumas indicações que encontrei nuns livros que li aquando da pesquisa que efectuei.

Mas não havia vinho de Carcavelos que pudesse comparar?

Havia, mas temos de ver que o vinho de Carcavelos amadurece na garrafa, ou seja, é muito difícil comparar um vinho com 30, 40 ou 50 anos de um vinho que é feito naquele momento. Há uma alteração no vinho que o torna difícil perceber como seria antes dessa mesma alteração.

Mas provou Carcavelos velho?

Provei, claro. Havia um senhor que trabalhou comigo que tinha uma garrafa de Carcavelos da antiguidade e trouxe-ma. Devo dizer-lhe que estava imbebível. Nem consigo perceber se continua a ser parecido ou não. Depois não podemos esquecer que houve uma grande mudança de clima, de terras entre muitas outras e assim sendo, ninguém pode afirmar que este é o Carcavelos genuíno.

Há um interregno entre a altura em que você faz o tal ‘casquinho’ e 2004, altura em que recomeça com o Carcavelos em grande, porquê?

Depois de os escanções terem gostado eu comecei a ser bombardeada com o ‘vamos fazer o Carcavelos’. Fiz o Carcavelos na estação vitivinícola até 2000. Entretanto, a adega é inaugurada e para haver a região DOC era obrigatória que as uvas passassem a vir todas para adega, tornando impossível irem para a estação vitivinícola. Estive ausente até 2004, altura em que me aposentei do Estado, e o director da Estação Agronómica convida-me para vir fazer Carcavelos. Inicialmente disse que não, mas depois aceitei. Venho e a Câmara de Oeiras é que me paga.

Que castas utiliza para fazer o Carcavelos?

O Carcavelos é essencialmente branco e utilizo as castas da época, nomeadamente arinto, galego dourado e bual.

É importante o envelhecimento neste tipo de vinhos, ou seja, não é só a mera concepção do mesmo.

Aliás, devo dizer que é fundamental a tecnologia de vinificação e o envelhecimento. Como aqui não havia madeiras, grande parte do vinho está em inox.

E o vinho envelhece em inox?

Pouco, muito pouco.

E não é importante a madeira também para a obtenção de sabores?

Claro, a madeira dá características de aroma, sabor. Com a madeira vamos buscar a complexidade do vinho, os próprios açúcares e todas as transformações que as madeiras permitem efectuar. Como tal, a câmara está a investir aqui numas caves para termos o vinho em envelhecer e daqui a uns anos, aí sim, já teremos um potencial muito grande de madeiras, com castas separadas, com lotes e com anos separados. Os anos separados é muito importante porque não há hipótese de se fazer um tipo de vinho único.

Claro, por isso temos o vinho X ou Y que é melhor num determinado ano do que em outro.

Exacto. É impossível conseguir-se sempre o mesmo todos os anos com as variáveis a que se está sujeito.

Qual o mínimo em madeira?

Dois anos. Mas se me perguntar ‘acha que sim?’, eu respondo, acho que não.

Desculpe, agora perdi-me.

O mínimo são dois anos, mas dois anos é um vinho ainda muito novo e como tal, deverá estar mais tempo.

Ou seja, é o mínimo, mas para extrair tudo da madeira, para ganhar corpo, deverá estar mais tempo?

Nem mais. A madeira dá ao vinho aquilo que os provadores costumam classificar de especiarias, sabores a figos, a mel, a passas, e por ai fora, logo um vinho com dois anos é de todo impossível ter uma série de características que um outro de 14 anos poderá ter.

O que faz com que estas castas sejam tão boas? É o facto do terreno ser calcário e argila? É o mar próximo?

É tudo isso mais o vento, o sol, a humidade... há muitas coisas que interagem com a concepção do vinho: o momento de abafamento da aguardente, a escolha dos lotes, o tipo de madeira, o momento certo para se tirar da madeira nova para a madeira envelhecida...

É uma arte.

Sim, eu acho que sim (risos).

Eu adoro ler os rótulos das garrafas, porque alguns textos são tão poéticos! Diga-me as características do Carcavelos como se de um rótulo se tratasse.

O Carcavelos tem notas de frutos secos, mel, ligeira madeira, aroma adocicado, sabor doce, macio, com corpo e persistência, boa estrutura de boca e complexidade.

Acho poético, confesso. Deixe-me dizer-lhe que gosto do Carcavelos fresco e já me recriminaram por isso.

Mas olhe que está certa. Há duas maneiras de beber o Carcavelos, como aperitivo e como digestivo. E se for como aperitivo ele deve beber-se fresco.



INFORMAÇÕES

_ O QUE É?

Um vinho licoroso

_ COMO SE CONSEGUE?

Numa mistura criteriosa das castas Galego Dourado, Ratinho, Arinto, num mínimo de 75% com as Rabo-de-Ovelha e Seara-Nova

_ COMO DEVE SER BEBIDO?

Fresco, como aperitivo e ao natural como digestivo





_COMO TUDO EVOLUIU DESDE 2006...

_A Oeiras em Revista foi entrevistar o Arq. Alexandre Lisboa, chefe de Divisão de Espaços Verdes e o Eng.º Tiago Correia, técnico superior que supervisiona os trabalhos na Adega e na vinha. São eles, os olhos da Câmara neste assunto de extrema delicadeza.

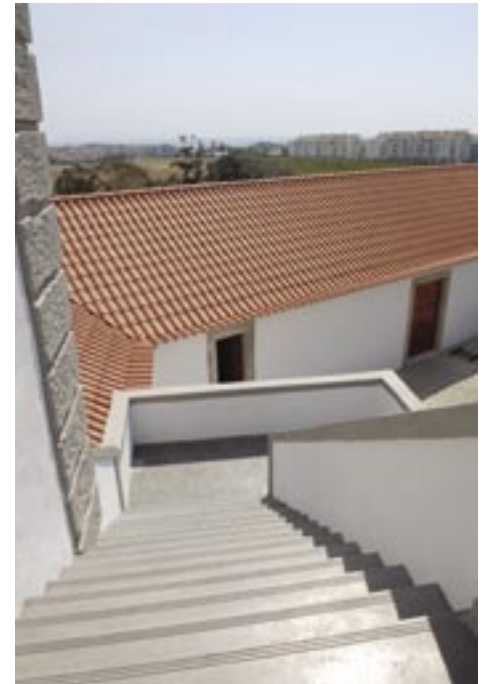
Passaram de meros consumidores para profundos apaixonados pelo vinho e vinha da região demarcada do vinho de Carcavelos. Falam deste néctar com estima e com conhecimento, como podemos verificar na entrevista que nos cederam. Numa altura em que o vinho de Carcavelos se encontra em preparação para 'atacar' o mercado, quisemos fazer um ponto de situação. A Adega acaba de ser inaugurada, o vinho existe desde 1991, portanto, só lhe falta sair de casa e ir comprar uma garrafa para ler, com preceito, este Especial Vinho de Carcavelos.

Oeiras em Revista – A Adega sofreu obras, que obras foram essas?

Alexandre Lisboa – A Adega é a adaptação de um edifício do séc. XVIII que não era adega. Seria um acento de lavoura com um apoio de caça e sofreu uma adaptação para adega. As primeiras obras consistiram na adaptação da ala norte para a vinificação. Em 2009, foi isolada a ala norte do ponto de vista térmico, ou seja, foi isolada a cobertura e a pintura das paredes com material lavável. Foi recuperado também a ala sul, para zona de envelhecimento que era aquilo que estava a faltar nesta adega. Havia uma zona de vinificação para uma capacidade de 120 mil litros, mais ou menos, e não havia um único espaço para envelhecimento. E era urgente ter uma zona de envelhecimento até porque é obrigatório, por lei, termos o vinho dois anos em madeira. Por isso, a urgência destas obras foi construir, no Casal da Manteiga, uma área reservada à colocação de pipas de madeira para se proceder ao envelhecimento do vinho. Fizemos, paralelamente a esta obra, uma garrafeira para estágio em garrafa, até porque também é obrigatório ter seis meses em garrafa antes de ser comercializado. E como tal, foi construído uma garrafeira com uma capacidade para dez mil garrafas. Fizemos uma zona de escritório de apoio enológico, para que o pessoal técnico e em enologia possa trabalhar à



Adega "Casal da Manteiga"



vontade. Fizemos balneários e vestiários para o pessoal residente e para as equipas sazonais que operam no espaço. No Torreão, no rés-do-chão, pretendemos colocar uma exposição permanente de interpretação do vinho de Carcavelos, e no primeiro piso fazer uma sala de provas.

O.R. – E em termos de vendas?

A. L. - Ainda não foi totalmente discutido. Eventualmente, poderá ter vendas mas ainda carece de decisão superior.

O.R. – Mas quem quiser uma garrafa como pode adquirir?

A. L. - O vinho que foi engarrafado em 2009, segundo orientações do presidente da Câmara, será colocado à venda nos postos de turismo e na nossa loja do Oeiras parque. Foi engarrafado em Janeiro de 2009 e como tal, já fez os seis meses em garrafa, pode ir para venda. Em princípio, para o ano que vem, será lançado de uma forma mais generalizada no mercado o Conde de Oeiras. Mas como lhe disse, isso ainda não foi discutido em pormenor.

O.R. – A adega, embora o edifício já existisse, ela foi totalmente refeita para ser uma adega com tudo o que implica.

A. L. - Exacto.

O.R. – E se no futuro, o vinho tiver um grande sucesso, houver uma grande procura, houver uma grande produção, a adega, tal qual está nos dias hoje, consegue suportar esse crescimento?

A. L. - A nossa meta de expansão da vinha é até aos 20hectares e de acor-

do com a lei não podemos produzir mais do que 55 hectolitros por hectare, como tal, do ponto de vista da vinificação, esta Adega tem capacidade para absorver essa produção. Poderá ter que se levar a cabo uma ou outra intervenção pontual, mas tem capacidade para acompanhar a produção vitivinícola. De qualquer forma, em termos de área de envelhecimento, temos algumas limitações. A adega, neste momento, tem capacidade para 600 pipas o que é relativamente limitativo. Para darmos vazão, teremos de colocar, com regularidade, vinho no mercado. De qualquer forma, é objectivo da Câmara recuperar a adega original do séc. XVIII ao pé do jardim no sítio onde, neste momento funciona o INA [Instituto Nacional de Administração]. E aí já não haverá qualquer tipo de problema de expansão.

O.R. – Quantos hectares têm, actualmente?

A. L. - Temos quase oito a produzir e mais cinco plantados este ano e que só irão produzir, na melhor das hipóteses, daqui a dois anos. Por isso, daqui a dois anos teremos quase 13 hectares em produção.

O.R. – Que castas constituem o vinho de Carcavelos?

T. C. - Para o vinho branco temos o Galego Dourado, temos o Bual e temos o Arinto já plantadas e em produção. Este ano foram plantadas mais duas castas que são a Seara Nova e o Rabo de Ovelha que são castas que também estão aprovadas pelo decreto de lei que rege a região demarcada, mas que não são as recomendadas e sim as autorizadas, ou seja, são aquelas que podem entrar mas em menos percentagem. O decreto de lei divide as castas, quer brancas quer tintas em autorizadas e recomendadas.



Vindimas

As recomendadas são as mais importantes, ou seja, são 75% do volume total e as restantes são apenas 25%. No tinto temos duas castas que são o Castelão e o Piriquita, uma delas é recomendada, que é o Piriquita e o Castelão é autorizado.

O.R. – E são essas as castas que se acredita que tenham sido utilizadas no Carcavelos original?

T. C. - Pensa-se que sim. Até porque isto tudo é precedido de um estudo sobre o vinho de Carcavelos. Baseamo-nos na história, em tudo o que chegou até nós.

O.R. – Quais as maiores dificuldades com que se depararam até aos dias de hoje?

T. C. - Quando começamos a acompanhar a vinha que estava a ser acompanhada pela Estação Agronómica, deparamo-nos com necessidades tão básicas quanto o facto de não terem pregos para sustermem a vinha. Tinham problemas de falta de produtos, não tinham dinheiro para comprar esses mesmos produtos. Já não tinham mão-de-obra disponível para a poda e fomos nós, Câmara, que a partir de 2007 vamos fazer esse trabalho.

O.R. – Ou seja, estava quase votada ao abandono?

A. L. - Estava semi-abandonada. Em 2004, 2005 e 2006 fizemos a vindima em acções de voluntariado com a Estação Agronómica. Em 2006 fizemos a vindima que por questões da Estação Agronómica só se efectuou em Outubro, ou seja, foi uma vindima tardia. E nessa altura, o presidente da Câmara foi visitar a vindima e não gostou do que estava a ver, não gostou de ver o estado em que estava a vinha, principalmente porque a Câmara já tinha investido cerca de 450 mil euros em equipamentos e na zona de vinificação da adegas.

O.R. – E a vinificação já é um processo posterior ou seja, antes precisam de uma boa uva.

T. C. - Exacto, a uva não estava nas melhores condições. Até porque para garantirmos um bom vinho temos de garantir uma boa vinha. E, então, o presidente reúne com o director da Estação Agronómica e assume que a Câmara iria suportar os custos da manutenção e expansão da vinha, trabalhos esses que até ai estavam sobre a alçada da Estação Agronómica Nacional. E assim aconteceu. Mas temos o apoio da Estação Agronómica, nomeadamente da sua dependência, a Estação Vitivinícola Dois Portos, que nos apoiam na área da viticultura.

O.R. – Então quais as dificuldades com que se depara de momento?

A. L. - Para nós, a maior dificuldade tem sido a de se conseguir definir uma estratégia bem delineada para o Conde de Oeiras. E está a ser difícil porque temos de articular vários departamentos e gabinetes da autarquia. E na minha opinião, a parte enológica não pode estar dissociada da parte comercial. E o que se definir para o mercado tem de ser em função do que se pretende definir na Adega. A equipa tem de ser muito coesa e a articulação tem de ser muito efectiva. E, para mim, só é uma dificuldade porque estamos a falar de muitas pessoas, embora até aqui tenha resultado muito bem.

O.R. – O que faz do vinho de Carcavelos um vinho único?

A. L. - As mãos da Eng.a Estrela! Não sou a pessoa mais indicada para falar nisso, creio que os Enólogos são as pessoas mais indicadas, mas na minha opinião de leigo, que conta zero, o que faz do Carcavelos um vinho especial é uma conjugação de vários factores. O primeiro será o Terroir, como dizem os franceses, que é o local, a região demarcada o sitio onde a vinha cresce. As condições de clima, as condições do solo, que torna este sitio o local especial para ter este tipo de vinho. Sei que isto é muito





Elaboração do vinho

importante porque nos vai dizer como se comporta o vinho em diferentes tipos de madeira, com queima média e queima forte, e tentar perceber, ao fim de três anos, como é que o vinho se comportou nos diferentes tratamentos. E isso vai-nos dizer se precisamos de fazer cinco anos em envelhecimento, se precisamos de fazer dois ou dez e perceber que características é que o vinho ganha nos diferentes tipos de madeiras.

O.R. – Quem quiser comprar uma garrafa hoje em dia, onde pode fazer?

A. L. - Na Estação Agronómica Nacional.

O.R. – E o preço?

T. C. - 25,50€

O.R. – Como bebem o vinho?

A. L. - Com muita calma (Risos)

discutível, porque com os vinhos do novo mundo, como por exemplo os Californianos, fazem os vinhos com as castas francesas sem esse Terroir francês e são muito bons, porque têm uma tecnologia de vanguarda. Mas, e de acordo com o que a Eng.a Estrela diz, há três aspectos fundamentais: a uva, a qualidade da aguardente e a qualidade do envelhecimento. E há um outro facto que provavelmente é o mais importante, que é a qualidade da pessoa que olha para todos os factores, olha para tudo aquilo e faz a sua receita especial, faz a sua magia.

O.R. – Aposta-se mais no branco que no tinto, certo?

A. L. - Isso é uma discussão antiga, mas tradicionalmente o Carcavelos é branco. O que provavelmente se fazia antigamente é a junção entre uvas brancas e tintas. Com o envelhecimento, o tinto perde cor e o branco ganha, como tal, aproximam-se em termos de coloração. Por isso, em termos históricos não se sabe muito bem como seria feito, mas pensamos que talvez se fizesse a junção das uvas, o que já não é permitido hoje em dia. Estando no decreto de lei as castas de tinto que se deve utilizar, e castas tintas já há 25 anos que as temos plantadas na vinha, e como tal pensamos: vamos fazer vinho tinto.

O.R. – De que ano é o vinho de Carcavelos mais antigo que possuímos?

A. L. - 1991 e que está a acabar.

O.R. – A Eng.a Estrela dizia que dois anos em pipa é pouco, por quanto tempo vão tentar que esteja em pipa o vinho?

A. L. - Quatro a cinco anos e pode depender do tipo de queima, do tipo de madeira. A Câmara pediu à estação Dois Portos para investigar a tecnologia de vinificação e de envelhecimento. E esta investigação é muito



O.R. – Formulei mal a pergunta, queria saber se bebem fresco ou à temperatura ambiente?

A. L. - Como aconselha a Eng.a Estrela, se for como aperitivo deve ser fresco, se for como digestivo, à temperatura ambiente.

O.R. – Ou seja, temos de ter duas garrafas, uma no frio e outra à temperatura ambiente

A. L. - Nem mais!

_VINHO DE CARCAVELOS _CONDE DE OEIRAS



“Só os vinhedos virados para o mar, com esta ambiência, com estas características, conseguem produzir este vinho único. Uma unicidade que tem séculos e séculos de existência.”

A Câmara Municipal de Oeiras é a única autarquia do país a apoiar, a desenvolver, a tomar as rédeas de um vinho licoroso, o vinho de Carcavelos. Há quem se admire com esta atitude tomada por parte da edilidade. Há quem ache que estamos a meter a ‘foice em seara alheia’. Há quem critique esta nossa posição. O que é profundamente errado e eu vou explicar porquê.

O vinho de Carcavelos só existe aqui, na região demarcada que lhe dá nome. Só os vinhedos virados para o mar, com esta ambiência, com estas características, conseguem produzir este vinho único. Uma unicidade que tem séculos e séculos de existência. Há muito que a história do vinho de Carcavelos se mistura com a história de Oeiras. Embora seja um generoso que existe desde o século XIII, teve o seu tempo áureo no consulado de Sebastião José de Carvalho e Melo, o nosso Marquês de Pombal e Conde de Oeiras (mais tarde, em jeito de ho-

menagem, cedemos o seu nome para o vinho de que agora falamos). Este era um vinho de tal forma apreciado, que Sebastião José o produzia na sua quinta e conseguiu que ele fosse ‘enviado’ para os quatro cantos do mundo, como presente para as cortes estrangeiras. Era sobejamente apreciado pela corte inglesa, por exemplo. Era dado como oferenda a visitantes ilustres a este nosso país. Na verdade, este vinho rivalizava com o famoso vinho do porto. As suas uvas eram de tal forma cheias de qualidade, que chegaram a rumar, mar acima, para o Porto para serem integradas nas uvas que fazem o vinho do porto, aquando da sua venda à Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro com o objectivo de encorpar o vinho do porto.

Embora com um passado tão profícuo, a verdade é que após estes anos de apogeu, o vinho foi votado a anos de má produção, a anos de pouca dedicação que acabou por o reduzir ao esquecimento.





Quando a autarquia resolve apostar e financiar a sua produção, o seu renascimento, fá-lo com a certeza que está a apoiar e a revitalizar parte do seu património. Porque não é património só os palácios de outora, só as construções físicas de outros tempos. É património tudo aquilo que faz da gente a gente de Oeiras. Nós somos a nossa vivência, aquilo que comemos, o que aprendemos e, naturalmente, o que bebemos. É pelo respeito profundo que temos pelo passado que nos deu origem que decidimos fazer uma intervenção global na Quinta de Cima com vista à recuperação, manutenção e expansão da vinha e do legado pombalino existente.

Em 2006 foi iniciado um processo de plantação de nova vinha. Paralelamente avançamos com a recuperação da Adega do Casal da Manteiga, cuja construção data do século

XVIII, e do torreão de envelhecimento do vinho, com instalação de novos equipamentos. O investimento do município, que no total perfaz cerca de 1 milhão e 500 mil euros, irá permitir o lançamento, no mercado, do vinho de Carcavelos Conde de Oeiras e permitirá a estabilização da produção a partir de 2013. Assim, ao respeitarmos o passado e ao dar-lhe dimensão, estamos a fazer com que as tradições não se percam no tempo. Não se desvançam. Ao preservarmos o vinho de Carcavelos Conde de Oeiras, estamos a preservar aquilo de que, intrinsecamente, somos feitos.

Um brinde ao nosso vinho.

Um brinde ao vinho Conde de Oeiras.

O presidente

_ESPIÑEL

“O vinho dá força ao coração.
Dá calor ao rosto. Tira a
melancolia. Alivia o caminho.
Dá coragem ao mais covarde.
Faz esquecer todos os pesares.”

_ Imagens de quadros pintados pelo artista Gustavo Fernandes



DECANTAÇÃO

Trata-se da passagem, normalmente morosa do vinho para o recipiente ao qual chamamos decantador. Esta técnica serve para separar eventuais sedimentos do vinho ou para o arejar.





_ HENRIQUE CAYATTE
UM DESIGNER
NÃO É UM ARTISTA

texto por **CARLOS VAZ MARQUES** _ fotos de **CARLOS SANTOS**



Dentro de poucos meses, em Janeiro do próximo ano, Henrique Cayatte comemora três décadas de trabalho como designer.

Talvez «comemorar» não seja exactamente o verbo que o próprio Cayatte considere mais adequado, dado que parece pouco inclinado a celebrar uma actividade para a qual recusa a designação de Arte.

O percurso profissional daquele que é seguramente o mais destacado designer português em actividade já é, no entanto, só por si, uma marca: seja nas capas que saem do seu ateliê para as livrarias, seja no desenho das mais variadas exposições.



A mais recente pode ser percorrida até ao fim do ano na Fundação de Oeiras e é uma visita guiada pelos 250 anos do concelho.

Embarque connosco nesta viagem e decaque este percurso que percorre caminhos tão distintos como pensar numa capa de livro para um escaparate, até ao desenho de uma exposição que irá receber olhares e avaliações várias, e como tal, é estudada em todas as suas formas.

O que é que há de comum entre desenhar a capa de um livro e desenhar uma exposição?

Ambas são feitas por um designer. São portanto dois projectos que têm de ser resolvidos para os públicos a que se destinam.

Os processos usados são comuns?

Uma parte dos processos é comum: a utilização da cor, a utilização da forma, do enquadramento, da letra, da tipografia. A distância em relação a uma parede, a uma espacialidade da exposição é também muito a maneira como uma pessoa se relaciona com a capa de um livro.

Esse aspecto de espacialidade é justamente aquele que eu diria que na capa de um livro não existe.

Não existe mas é preciso ter em conta que o livro hoje, infelizmente, está a ser vítima de uma arremetida por parte dos vários marketings. A ideia de editar pelo prazer da edição deu lugar à ideia de editar um objecto de consumo. Portanto, os diversos marketings envolvidos na produção de um livro exigem que ele, quando está no escaparate de uma livraria, tenha um grande apelo perante o hipotético leitor.

Que chame a atenção.

Exactamente. Portanto, o discurso de um designer ou de um editor – ou a marca de um escritor, em que os livros têm todos a mesma lógica, afirmando-se desse modo – está a ceder terreno, dramaticamente, a uma lógica de tentar esmurrar o leitor para que ele compre o livro.

Não pode haver nisso um elemento paradoxal, se pensarmos que de tanto gritar por vezes se deixa de ouvir quem grita?

Exactamente. É como na vida. Ninguém aguenta sempre calado e ninguém aguenta sempre a gritar. Portanto, para além da volumetria, o que é que uma exposição tem de diferente da capa de um livro? Tem a possibilidade de - através da espacialidade, da luz, do som, da organização da informação, tridimensional, com imagens fixas e animadas, texto, cor, etc. - criar ciclos de emoção. Também dentro de uma exposição não podemos estar sempre a gritar.

São necessárias zonas de pausa.

Exactamente. Na exposição de Oeiras há um excelente exemplo: é quando o concelho é extinto. Aí, eu faço um buraco preto. Para depois ele re-



nascer e começarmos a avançar progressivamente para a luz. Esta é uma ideia que, numa exposição com muitos metros quadrados de extensão, permite ir modulando. Claro que é preciso cruzar isso com os conteúdos. O conteúdo tem de ser propício a isso, naquele momento.

No fundo, desenhar uma exposição é desenhar e encenar um espaço: isso não é já um pouco, também, da ordem da arquitectura?

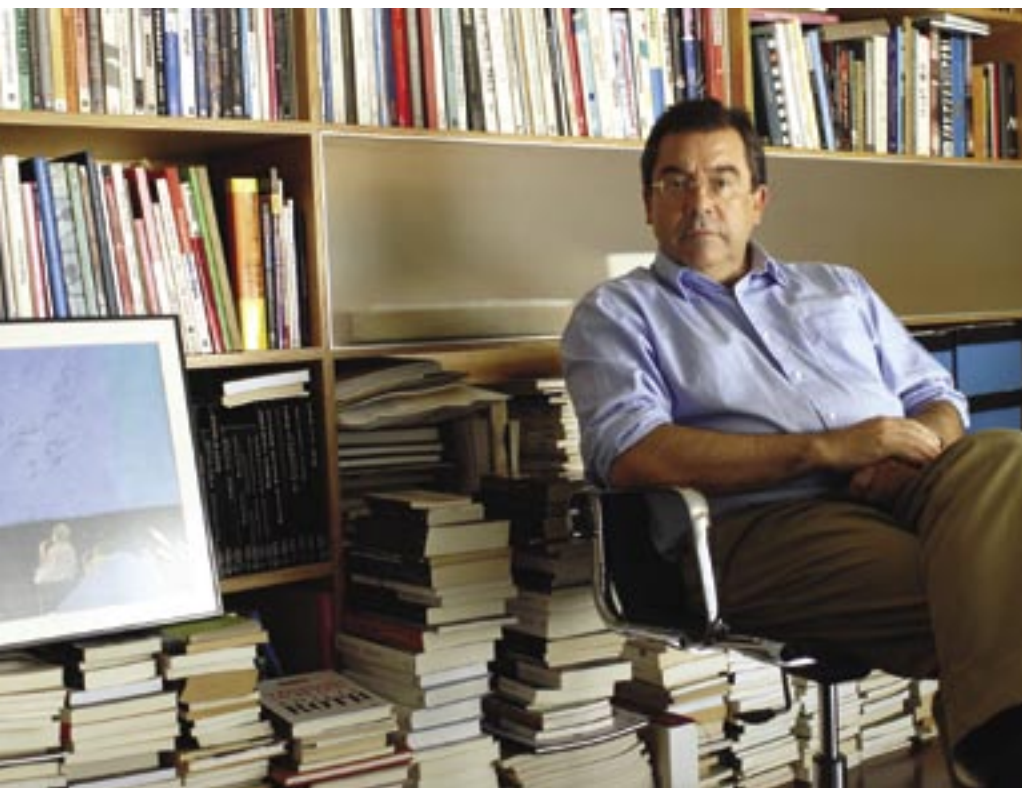
Parcialmente, sim. O meu pai era arquitecto. No ateliê do meu pai, quando eu ainda nem sequer tinha ido para Belas Artes, aprendi que, nesse tempo, estavam muito codificadas as áreas de intervenção do arquitecto. O arquitecto podia dar um pulo ao urbanismo, já não dava pulo nenhum à arquitectura paisagística (de que havia duas ou três grandes figuras em Portugal: Ribeiro Teles, Caldeira Cabral, etc.), e ficava-se basicamente pela ideia da urbanização, não do urbanismo, da casa individualmente tomada e por vezes dos interiores. Uma das obras mais interessantes que o meu pai teve foi tornar habitável o interior de um petroleiro. Ou seja, a zona onde vivem os habitantes daquele petroleiro, os marinheiros, tem de ter condições de habitabilidade como numa casa.

Isso não poderia ser também um trabalho de designer?

Hoje seria. Na altura foi um arquitecto a fazê-lo. Embora, como arquitecto, ele já tenha beneficiado nessa época de grandes avanços – em termos de novos materiais e de utilização do espaço – que eram o resultado de um trabalho de designer. Por exemplo, as casas de banho eram umas cápsulas transparentes que vinham completamente empacotadas. A própria estrutura do petroleiro já tinha o encaixe do esgoto e da torneira e aquilo era encaixado. Isto é trabalho de designer.

Quer dizer que estamos a falar de categorias flutuantes em transformação acelerada nas últimas décadas?

Absolutamente. Em 95 organizámos na Gulbenkian o congresso da Organização Internacional de Design Gráfico e de Comunicação. O tema era: fronteiras em movimento. Essas fronteiras, a que nos referíamos, eram políticas, culturais, linguísticas, imagéticas. Onde é que começa e acaba o trabalho do designer? E onde começa e acaba, hoje, o trabalho de um pintor? Ou de um escultor? Ou de um performer? Qual é a diferença entre cinema, live art e teatro, por exemplo? Os designers estão cada



“O design é negociação permanente. É negociação de calendários, é negociação de materiais, é negociação do custo global, é negociação das ideias, é negociação do ciclo de produção. É uma negociação total e permanente.”

vez mais nisto. Os designers também trabalham a especialidade: aqui no meu ateliê também fazemos trabalho de design de equipamento e de produto, embora o trabalho predominante seja de design de comunicação. Portanto, eu ando há vinte anos a desenhar exposições e a trabalhar a especialidade.

Qual foi o maior desafio que a exposição «Celebrar Oeiras» lhe colocou?

Foi ter uma área enorme. Ao contrário do que as pessoas possam pensar, quando entram pela porta principal da Fundação de Oeiras, aquele módulo não está todo ocupado, por incrível que pareça. Ainda havia mais área.

É uma área maior do que a do edifício da Cordoaria, em Lisboa, para onde também já desenhou uma exposição?

É diferente. Porque a Cordoaria tem 12 metros de largura por quatrocentos de comprimento. Aqui, no caso de Oeiras, é como se fosse um cubo. É quase um quadrado, em planta. Só não o é depois em altura. Um espaço que estava muito degradado. Primeiro precisou de obras de recuperação: para evitar que a água entrasse, corrigir umas janelas... Mantendo aquele ar industrial.

Isso não é trabalho de intendência geral?

Não. Já teve a ver comigo. Há ali algumas zonas em que tivemos de lançar tectos falsos porque o tecto verdadeiro estava num estado calamitoso. Depois, em função de um pré-guião e em discussão permanente com a equipa de conteúdos da Câmara e com as pessoas que a Câmara destinou para este trabalho, foi começar a fazer um percurso coerente em função

dos conteúdos. Há uma altura em que nós temos de ter lá carros. Isso exigia, primeiro, que em termos expositivos o dispositivo permitisse que eles lá estivessem. Depois, eles tinham que entrar e sair de lá de dentro. E não podiam entrar já com a exposição montada.

Como é que resolveram esse problema prático?

Percebemos qual era a porta mais próxima, vimos qual era o circuito do interior para o exterior. Tínhamos tudo de lado, os carros entraram para o sítio e montou-se tudo a seguir.

Numa exposição deste tipo o trabalho do designer tem de ser realizado com o material que há para colocar nessa exposição.

Absolutamente.

Há espaço de manobra para que quem está a desenhar a exposição diga que determinado elemento ou determinada peça não se enquadram bem no conjunto?

Há, claro. Para já, a relação com as pessoas desta exposição foi exemplar. Numa relação exemplar as pessoas não têm de ter medo de dizer sim, não, talvez. Desde que o façam de uma forma correcta e urbana, faz parte de um processo de trabalho em equipa haver cinco coisas que ficam em cima da mesa e quatrocentas que vão para o lixo.

Quer dizer que o designer também tem uma palavra a dizer na escolha dos materiais de exposição que vão fazer parte do resultado final.

Sim, porque as pessoas dos conteúdos podem dizer assim: este tópico é muito interessante, este fragmento de texto é muito interessante, este documento histórico é muito interessante. Só que o designer tem de estar

a fazer o esforço contrário que é o de, sem atacar nem beliscar a cientificidade dos conteúdos, demonstrar aos responsáveis dos conteúdos que uma exposição não é, por excelência, o terreno onde colocar toda a informação. Muita informação mata a informação. «Less is more». Menos é mais. Por isso eu digo: há um site, há um livro ou um catálogo, há outros suportes em papel onde o resultado da seriedade de uma determinada investigação pode repousar. Até pode repousar neles de uma forma perene, porque a exposição só dura cinco ou seis meses. A exposição tem de ter o mérito de ter o mínimo de informação possível – especialmente informação textual, não tanto informação iconográfica – para que as pessoas obviamente percebam as coisas sem se saltar por cima de momentos críticos para o entendimento de um determinado conteúdo.

O lema do arquitecto Mies van der Rohe que usou há instantes – «menos é mais» – costuma estar presente naquilo que faz?

É meu também. Se se pode fazer simples para quê fazer complicado?

Mas há intervenções artísticas em que o excesso também é uma forma de comunicação válida. No design não é assim?

Absolutamente. Mas eu vejo o excesso, sobretudo nos tempos em que vivemos, como pertencendo a um terreno de investigação e de experimentação de um designer. Se o designer tem uma encomenda de um cliente, só em situações muito excepcionais é que o excesso – não o excesso formal, mas de meios – pode ser admissível. Posso dar um exemplo no meu trabalho: a revista Egoísta. É uma revista tão depurada que só tem um alfabeto tipográfico. Exceptuando o logótipo, toda a letra da revista, com tamanhos diferentes, cores diferentes, é sempre no mesmo alfabeto. É uma private joke: uma revista com tantos meios usa só um alfabeto, não há novo-riquismo nisso.

Então, afinal, aí também «less is more».

«Less is more», sim. Mas a revista tem tido materiais incríveis. Só possíveis numa revista com estas características [a revista Egoísta é propriedade da empresa Estoril Sol, que gere os casinos do Estoril, de Lisboa e da Póvoa de Varzim]. Eu não posso chegar ao pé de um cliente e propor-lhe fazer uma capa lenticular, como já fizemos na Egoísta. De resto ganhou uma data de prémios.

O que é uma capa lenticular?

É com uma superfície plástica em que nós podemos colocar a fotografia de uma maneira ou de outra e a imagem muda. Também fizemos a capa do número sobre sexo em veludo. Isto é assim porque a Egoísta nasce de um projecto que a Patrícia Reis e eu pensámos e que apresentámos ao Casino. Não foi uma encomenda. Eles aceitaram a ideia e o perfil da revista.

Voltando à exposição de Oeiras...

Isto era para dizer o quê? Que é claro, por exemplo, que há ali um momento, na exposição, em que eu quero falar do Marquês.

Está lá o busto, de facto.

Pois, esse busto foi feito de propósito. Eu perguntei à produção... Normalmente, numa exposição, tirando os custos dos vários projectos do projecto – luz, som, design, texto, revisão, fixação, etc. – fica o dinheiro destinado exclusivamente à montagem. Aí, vai dividir-se em: madeiras, ampliações digitais, texto. E depois disto estar muito enxuto, normal-

mente, à medida que vamos andando no percurso da exposição, vamos cotejando se estamos acima ou abaixo do orçamento. Pode haver um sub-núcleo da exposição em que eu me estico mais mas depois tenho de compensar a seguir. E havia dinheiro para fazer o busto. Fizemos, portanto, aquele busto do Marquês e pusemo-lo ali, na curva da exposição, precisamente para mostrar toda aquela zona do Marquês. Na exposição sobre o Terramoto, em Lisboa, quando as pessoas já pensavam que a exposição tinha acabado, pus uma réplica do cavalo de D. José que está no meio do Terreiro do Paço, feita em gesso.

Acontece-lhe ter ideias inoportáveis com o orçamento do projecto ou já pensa nos diversos elementos em função do que é possível realizar?

A exposição de engenharia na Cordoaria, em 2003, abriu sem som. Não havia dinheiro para o som. Não era possível pagar nem o design de som, nem as colunas, nem a régie, nem nada. E ganhou um prémio internacional de melhor exposição de ciência desse ano. Nos Estados Unidos. Sem som. Quando recebemos a notícia do prémio ficámos todos a olhar uns para os outros e a perguntarmo-nos como era possível. O som era vital, ali. Mas não havia dinheiro.

Eu estava a referir-me a situações menos dramáticas: aquelas em que inevitavelmente a imaginação galopa para lá das possibilidades materiais.

Acontece sempre. Algumas coisas só são possíveis por se estar a trabalhar com uma Câmara e se dispor de determinado tipo de recursos.

Expo Celebrar Oeiras.
Visite até ao fim do ano na Fundação de Oeiras.



Por exemplo, na zona da guerra, mandaram-se ensacar umas sacas de serapilheira com areia. Se o cliente fosse outro, se calhar havia dificuldade em fazê-lo e isso era um custo. Na exposição de 99 sobre o século português a Câmara mandou para lá calceteiros que foram calcetar uma parte da exposição. Se o cliente não fosse uma Câmara, isto era uma complicação.

No design não há o problema da negociação com o cliente para que as ideias possam ser levadas por diante?

O design é negociação permanente. É negociação de calendários, é negociação de materiais, é negociação do custo global, é negociação das ideias, é negociação do ciclo de produção. É uma negociação total e permanente. Negociação aqui não tem um sentido pejorativo. A grande diferença entre o design e as artes é que um artista (e não vou aqui falar de questões de sobrevivência) escolhe o tema, escolhe o tempo, escolhe os materiais, escolhe o ângulo de abordagem desse tema. Isto é o artista. O que é o designer? O designer é... uma encomenda. E essa encomenda traz consigo um conjunto de constrangimentos. Coisa que não é má, é boa.

Quer dizer que o design está mais preso à função.

Está mais preso à realidade.

O princípio...

...é resolver.

Pode-se dizer que põe o acento tónico mais no aspecto funcional do que no aspecto estético?

Isso é um debate que atravessa cento e cinquenta anos de design. O título de um livro de um designer de quem eu gosto muito, Raymond Loewy, diz: o feio vende-se mal. O que ele queria dizer com isto é que se a função está resolvida e se a alternativa, depois, é feio ou bonito (com tudo o que isto tem de relativo), então o bonito vende-se melhor.

A função, no design, então, vem primeiro?

Sim. A menos que estejamos no tal domínio experimental do design.

Mas se alguém fizer uma cadeira lindíssima em que eu não me consigo sentar...

...é uma peça de museu.

Pode ter eventualmente um valor estético mas não é um objecto conseguido.

Esse é um debate interessante.

Passa a ser uma escultura, provavelmente.

Exactamente. Temos o caso do espremedor de limões do [Philippe] Stark, por exemplo. A maior parte das pessoas não usa aquilo como espremedor de limões, usa-o como uma espécie de icone, em cima de uma mesa. Aquilo parece uma nave espacial, com três pernas. Acontece que nós temos várias tipologias de designers. Não pelo trabalho que fazem, mas pela maneira como olham para essa questão que está a colocar. Há uns designers que acham que o essencial é a função, a forma vem depois.

A sua escola é essa?

Já lá vamos. Outros designers têm uma posição diametralmente oposta: estética primeiro, função logo se vê. Há também os que acham que uma coisa é absolutamente indissociável da outra, entrando pelo lado da fun-

ção ou entrando pelo lado da forma. Eu situo-me algures por aqui. Acho que forma/função e função/forma têm de andar de mãos dadas. Agora, no terreno experimental tudo é permitido ao designer. Ele, aí, está num laboratório. Depois é livre de o expor ou não.

Nesse caso não estaremos já a falar de um escultor e não tanto de um designer?

Pois. Ele depois habilita-se a que as pessoas digam isso. Abre o flanco para que as pessoas possam dizer: mas isto aqui não funciona lá muito bem. É uma grande peça mas com este puxador nunca abro a porta, magoo-me. Mas a peça é linda.

Costuma dizer que o designer é, por definição, invisível. Para quem trabalha com elementos como uma réplica do gigantesco cavalo de D. José isso parece uma contradição.

Não. Vamos por partes. O designer é invisível neste sentido: se não houvesse uma ficha técnica no fim da exposição, não se sabia que aquela exposição era minha. Quando eu digo que o designer é invisível quero dizer: o designer não pode interpor ruído quando, por exemplo, desenha um livro. Ele pode trazer mais-valias, tem de trazer mais-valias: na escolha do formato, dos materiais, do layout, das cores, do alfabeto tipográfico, da forma como organiza as fotografias, o texto, os diversos elementos, etc. Tudo isso, com certeza. Mas há uma coisa que ele não pode fazer: não pode atacar o original, não pode atacar o texto. Ele não pode ter um exercício de ego em que, por exemplo num catálogo de pintura, a pintura deixe de se perceber e seja ele a pôr-se no palco. Isso é que não. Eu fiz uma vez, em 2002, na Bélgica, uma exposição retrospectiva do meu trabalho e não é nada evidente que volte a repetir a experiência.

Porquê?

Porque não é evidente que o design seja para expor como a arte. Claro que terei de ser exposto num museu de design, por exemplo, ou numa galeria de design, para se tentar perceber um determinado raciocínio ou um determinado momento da história. A exposição de cartazes que está no MUDE é um excelente exemplo disso. Um livro auto-expõe-se na livraria, na nossa estante, na nossa mesa-de-cabeceira.

Disse há pouco esta frase: «não é líquido para mim que o design seja para expor como a arte». O design não é uma arte?

Um designer não é um artista.

Ora essa!

(risos) Ora essa... Isto dá pano para mangas. Um designer não é um artista neste sentido: a partir do momento em que nós temos uma encomenda, essa encomenda vem com os tais constrangimentos de que já falámos há bocado. Se recebo uma encomenda eu penso: não posso pôr vinte operários a trabalhar nisto, não há orçamento para isso. Ou: não posso demorar três anos, tenho de fazer este projecto em ano e meio. Fiz um projecto que está agora a ser implantado em várias cidades e que tem a ver com contentores de última geração para a recolha de lixo. Foi um ano e meio de trabalho. Com uma data de gente à mistura. Com duas escolas de engenharia do Porto. Filmou-se como se recolhia o lixo à noite em Portugal e no estrangeiro. Houve fotografias, entrevistas aos operadores, às pessoas em geral... Há o problema do nojo, o problema do cheiro, o problema do impacto visual no espaço público, como é que aquilo é descarregado e é limpo. Foi um trabalho imenso.

O objectivo é fazer novos contentores?

Já estão aí, em algumas cidades. E está a correr bem, segundo informações que tenho da empresa. Desenhei, por exemplo, um pedal que permite que o nosso nariz esteja longe do lixo. O pedal abre a tampa e eu atiro o lixo lá para dentro. A queda é vertical, não há entupimento.

Isto vinha a propósito de o design não ser uma arte: é por intervirem muitas pessoas no processo?

A minha formação é de pintura, portanto eu sei bem qual é a diferença. Não concluí o curso, decidi sair ao fim de três anos. Isto para dizer o seguinte: eu, enquanto ilustrador, tenho uma costela de artista plástico, com certeza. Mas depois está a do designer, no sentido em que aquela ilustração não pode sobrepor-se ao texto. E aquilo tem de entrar num layout. Portanto, o designer é um projectista que joga com um conjunto de variáveis que estão em cima da mesa, decorrentes da encomenda.

O Miguel Ângelo, quando pintou a Capela Sistina, trabalhou com muita outra gente sob as suas ordens numa encomenda também com uma série de constrangimentos...

Teve um que a maior parte das pessoas desconhece: ele montou um andaime de tal forma complexo que impedia os padres de irem lá acima ver o que ele estava a pintar e impedia que eles vissem cá de baixo, também, o que ele estava a pintar. Foi por isso que houve um enorme escândalo quando ele tirou o andaime e as figuras estavam nuas.

Lembrei o caso do Miguel Ângelo para perguntar se esse conceito de artista como alguém que tem o domínio exclusivo de todo o processo artístico não será uma ideia recente na história da Arte.

O artista da Renascença tinha um ateliê com especialidades muito bem definidas. Havia um tipo responsável por moer a tinta, outro por fazer os preparados para a tela, um terceiro por construir as grades de madeira...

Mal comparando, não é isso que acontece também no seu ateliê?

Provavelmente é.

Então, provavelmente o processo de trabalho do designer tem um paralelo com a ideia de artista nesse modelo mais antigo.

Talvez sim. É pelo menos um campo muito interessante para se pensar e se discutir. Mas ateliês como o meu estão a desaparecer. Essa visão integrada das artes é hoje apanágio de nem vinte ateliês em Portugal.

Qual é o modelo dominante, então?

Ou há micro-empresas, com designers mais jovens que trabalham sozinho ou em micro-redes, ou estamos a falar de grandes agências que empregam cem, cento e cinquenta pessoas. A pressão do tempo, do dinheiro, do marketing é terrível. É por isso que eu nunca trabalhei em publicidade. A questão essencial é a seguinte: o designer recebe esses constrangimentos todos e o designer gosta de ter esses constrangimentos. Não é que ele seja masoquista, mas gosta. Isso vai exercitar a sua capacidade. É altamente desafiante. Alamedas enormes todas forradas a dourado não têm graça nenhuma.

“O designer é invisível neste sentido: se não houvesse uma ficha técnica no fim da exposição, não se sabia que aquela exposição era minha.”



_ O EIRAS VALLEY CONVENTION CENTER

_Correspondendo a um investimento de 30 milhões de euros, a obra do Centro de Congressos, Feiras e Exposições da Quinta da Fonte tem conclusão prevista para 2011.

texto por **SÓNIA CORREIA** _ fotos de **CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**

Foi implantada no passado dia 28 de Maio a primeira pedra do futuro Centro de Congressos, Feiras e Exposições da Quinta da Fonte, em Paço de Arcos.

A construção deste novo pólo de desenvolvimento empresarial vem preencher uma das maiores necessidades sentidas pelas muitas empresas presentes no concelho de Oeiras.

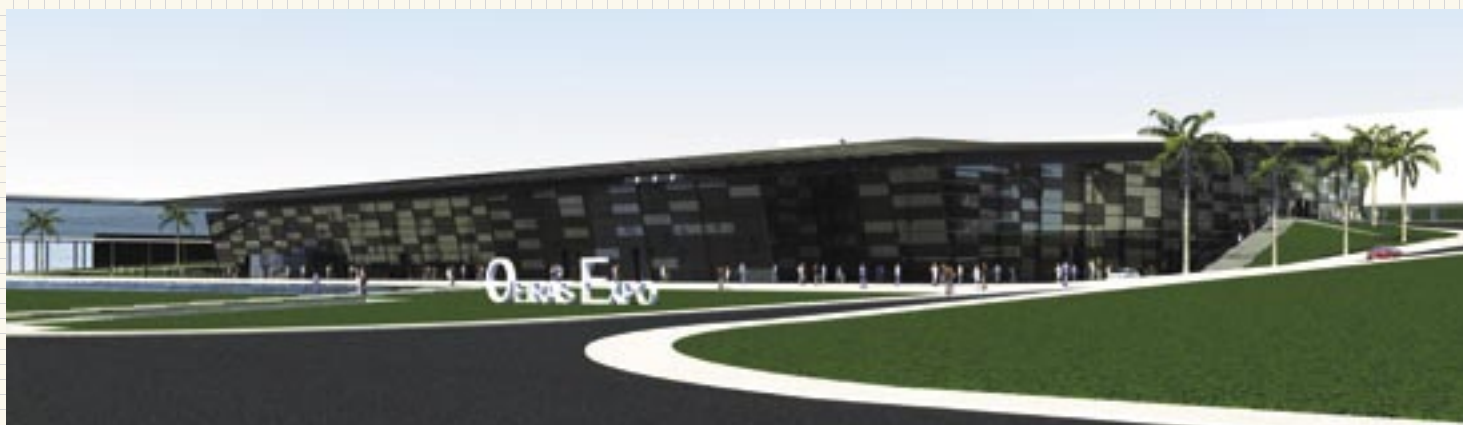
O futuro centro de congressos, que irá constituir uma real alternativa à oferta existente na Área Metropolitana de Lisboa, foi projectado pelo arquitecto Luís Neto, terá uma área de implantação de 12.000 m² e uma área de intervenção de 21.000 m².

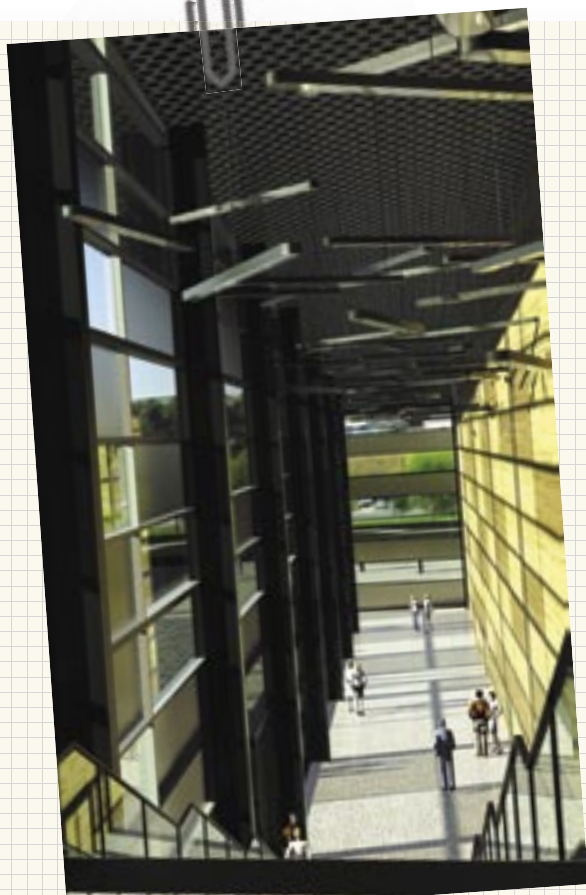
Numa lógica integrada com o novo sector do turismo de negócios, esta obra pretende melhorar o nível de atracção económica do município, proporcionando a Oeiras e às empresas aqui sedeadas uma nova dinâmica.

A gestão do centro de congressos vai ser assegurada pela AITECOEIRAS, 'The Oeiras Valley Development Agency', e a obra está a cargo da Oeirasexpo, SA (detida a 49% pela Câmara Municipal de Oeiras), sendo o consórcio responsável pela construção liderado pela Edivisa.

O presidente da direcção da AITECOEIRAS assinalou, a propósito, que este será o "melhor e mais moderno centro de congressos da Área Metropolitana de Lisboa", permitindo a "realização de congressos nacionais e internacionais, até 3000 participantes, com todas as facilidades que se exigem a congressos de grande dimensão – sessões simultâneas, catering com eficiência e rapidez, feiras temáticas e mostras de produtos e serviços associadas ao respectivo congresso".

Nas palavras de Luís Todo Bom, esta infra-estrutura constitui "uma âncora essencial para a consolidação do Projecto 'Oeiras Valley'





_Imagens 3D simulando como vai ser este espaço.



_Fotos da inauguração que contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais.



OPINIÃO

_ ISALTINO MORAIS, PRESIDENTE DA C. M. DE OEIRAS

Trata-se de um equipamento necessário, fundamental mesmo, que irá contribuir para aumentar a competitividade do concelho e que será gerador de centenas de postos de trabalho, directos e indirectos.

_ LUIS TODO BOM, PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA AITECOEIRAS

“O Oeiras Valley Convention Center” competirá, na atracção dos grandes congressos internacionais, com todos os centros de congressos ibéricos, situando ‘Oeiras Valley’ nos roteiros internacionais do conhecimento e da inovação, contribuindo, deste modo, decisivamente, para a sofisticação internacional do universo empresarial de Oeiras”, disse, acrescentando que se trata de um “projecto de afirmação da capacidade dos portugueses para acreditarem e prepararem o futuro”.

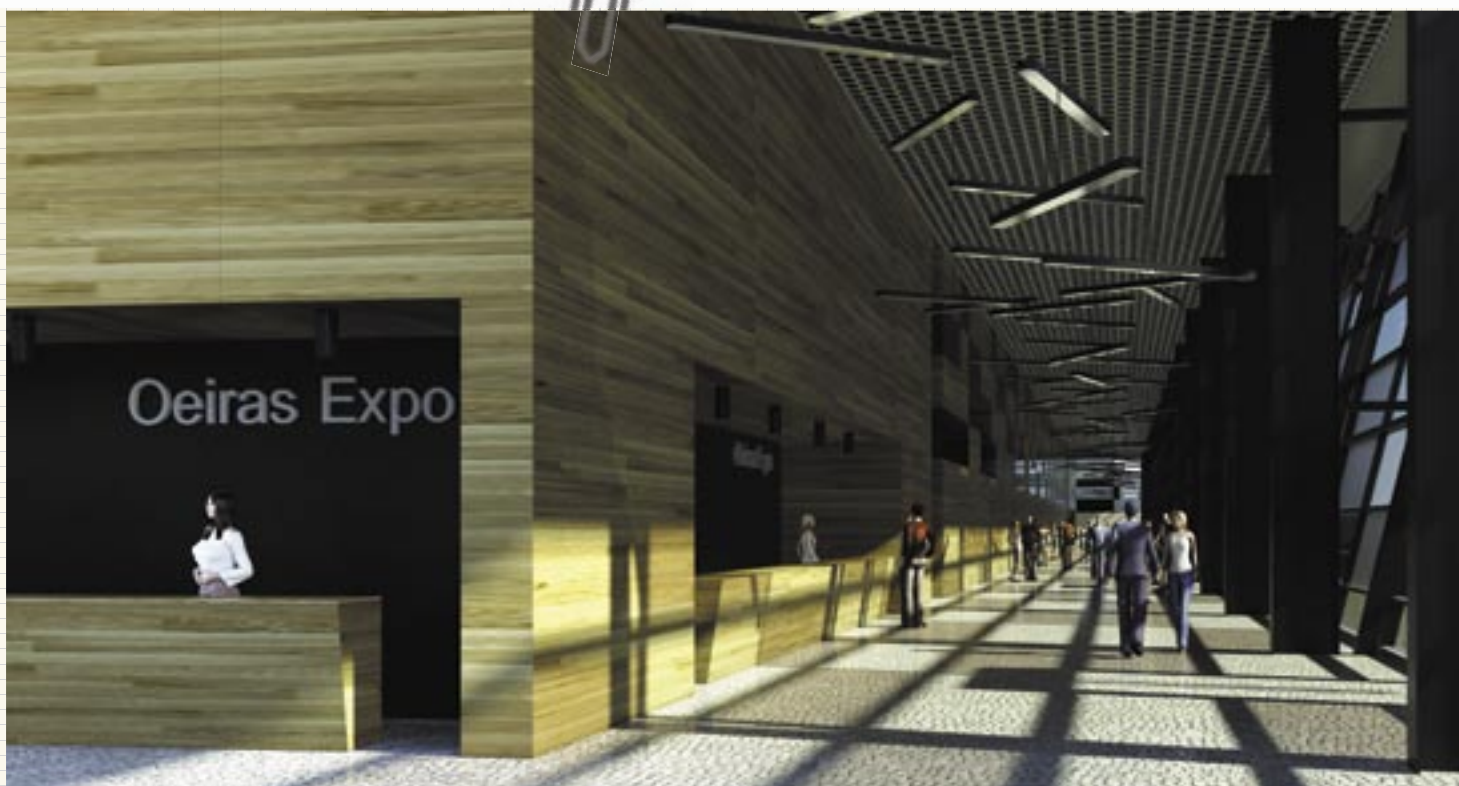
– região integrada e sustentável de desenvolvimento económico, social, tecnológico e ambiental – que permitirá preparar o concelho de Oeiras para os desafios da competitividade territorial internacional dos próximos anos’.

Para o presidente da Câmara Municipal de Oeiras, a construção do centro de congressos da Quinta da Fonte constitui mais um passo no sentido de posicionar o concelho, em termos de competitividade, na Área Metropolitana de Lisboa e no País.

Nesse sentido, Isaltino Morais aludiu ainda a outras infra-estruturas projectadas, como o Pavilhão Multiusos do Alto da Boa Viagem, mas também à requalificação e ampliação do parque escolar do concelho, no âmbito da qual arranca, já este ano, a construção de três novos complexos escolares, e à edificação de outros equipamentos, como unidades residenciais para idosos e centros de saúde.

“Este centro de congressos é uma peça deste puzzle”, disse.

O presidente da Câmara classificou o momento como “gratificante”, tanto para autarcas como para as empresas e instituições sediadas no concelho, referindo que o centro de congressos permite assegurar, no sector, capacidade de resposta também relativamente aos concelhos limítrofes.



ENQUADRAMENTO

O CENTRO DE CONGRESSOS SERÁ COMPOSTO POR:

- três auditórios num total de 2020 lugares
- mais seis salas de reuniões
- quatro pequenos auditórios num total de mais de 216 lugares
- uma área de exposições de 8.000 m²
- cerca de 900 lugares de estacionamento, que contribuirão para minorar o problema de estacionamento do Parque Empresarial da Quinta da Fonte.

_ JARDINS DO PAÇO REAL, EM CAXIAS, REABERTOS AO PÚBLICO

_A intervenção nos jardins da Quinta Real de Caxias e a recuperação do património escultórico ali existente estão concluídas e o facto foi assinalado com a cerimónia de reabertura ao público do espaço.

texto por **CARLA ROCHA** _ fotos de **GABINETE DE COMUNICAÇÃO**





A intervenção nos jardins da Quinta Real de Caxias e a recuperação do património escultórico ali existente estão concluídas e o facto foi assinalado com a cerimónia de reabertura ao público do espaço.

O presidente da Câmara aproveitou a oportunidade para recordar momentos importantes da história recente daqueles jardins.

Lembrou, assim, a assinatura, em 1986, do protocolo entre a Câmara Municipal e o Ministério da Defesa, altura em que “os jardins se encontravam em avançadíssimo estado de degradação, quer quanto aos elementos arquitectónicos, quer quanto aos elementos paisagísticos”.

Referiu-se, também, à abertura ao público dos jardins, em 87, após um ano de trabalhos de desmatagem e limpeza, permitindo “dar a conhecer o riquíssimo património da segunda metade do séc. XVIII, inspirado nos jardins franceses de Luis XIV, que os oeirenses desconheciam devido à pertença da propriedade pelo Ministério da Defesa desde 1908”.

O autarca aludiu, ainda, à candidatura, em 1993, da Quinta Real de Caxias ao Programa Europeu de Conservação de Jardins de Valor Histórico promovido pela Comissão das Comunidades Europeias, referindo a atribuição do respectivo prémio, que, segundo disse, “deu novo impulso à recuperação dos jardins”.

“A divulgação deste prémio europeu gerou um enorme interesse nos meios académicos, nos especialistas na matéria e no público em geral, passando a Quinta Real de Caxias a ser uma referência de excelência do património paisagístico do concelho”, sublinhou.

De assinalar que a implementação do projecto de recuperação proporcionou o desenvolvimento de diversos trabalhos, que se prolongaram por dez anos, entre eles a reposição dos desenhos de buxo dos canteiros, a regularização dos caminhos de saibro, a colocação de sinalética, a adaptação do pavilhão octogonal norte para sala de leitura, a recu-

peração de uma dependência exterior convertida em recepção/posto de turismo e o início da recuperação das esculturas de Machado de Castro e pinturas do pavilhão e cascata.

“Segundo dizem os especialistas – apontou Isaltino Morais – a riqueza patrimonial destes jardins reside na beleza exuberante das estátuas de Machado de Castro e da representação mitológica do ‘Banho de Diana’”.

O presidente da Câmara louvou, nesse sentido, a dedicação de todos quantos tornaram possível a recuperação das esculturas originais de Machado de Castro – que estão em exposição no pavilhão norte – bem como a execução das réplicas das sete esculturas e algumas obras de consolidação da Cascata, que, disse, “constituem o início de uma longa tarefa que ainda temos pela frente, mas que teimosamente fazemos questão de levar até ao fim”.

“A estas, seguir-se-ão mais 18 esculturas, até que esteja completo o ambiente cenográfico que o grande mestre Machado de Castro concebeu para estes jardins”, explicou Isaltino Morais.

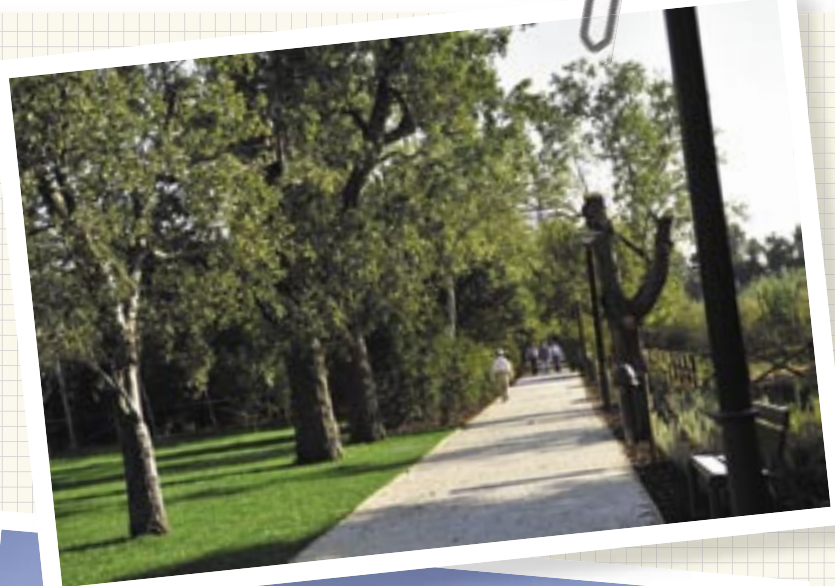
O autarca aludiu ainda à assinatura, em Março último, de um protocolo com o Ministério da Justiça referente à cedência de uma significativa área junto à ribeira que permitirá “redefinir os antigos limites

da Quinta Real, transformando-a num grande parque urbano para fruição pública”, no qual será retomada a produção agrícola, completada com um jardim de cheiros e um novo viveiro municipal.

A Quinta Real de Caxias, com uma área de cerca de 4,3 hectares, encontra-se inserida no Vale de Barcarena e representa uma das quintas de recreio de referência em Portugal.

De clara influência francesa, ao estilo do mestre André Le Nôtre, a quinta articulava áreas de cultivo e de recreio, através de uma malha geométrica constituída por eixos simétricos, rodeados de buxos, onde se salientam duas alamedas principais: a Rua da Imperatriz e a Rua de Hércules.

Este notável complexo recreativo e produtivo, que inclui um modesto paço, constituía um prolongamento do Palácio de Queluz, a uma distância de apenas sete quilómetros, permitindo à Família Real e seus convidados desfrutarem da brisa do rio nos dias quentes de Verão.



É, actualmente, visível o esforço feito ao longo dos anos e o grau de excelência e beleza que os referidos jardins denotam e que conduziu à atribuição de um Prémio Europeu incidente sobre a Recuperação de Jardins Históricos.

Com uma área visitável de cerca de um hectare, o Jardim Formal da Quinta Real de Caxias tem horário próprio, dentro do qual é possível efectuar visitas gratuitas.

No sentido de viabilizar a pretensão da Câmara Municipal relativa ao prolongamento e recuperação da zona de fruição pública por toda a margem esquerda da ribeira de Barcarena, começaram a ser delineados, em 2007, os contornos de um acordo com o Ministério da Justiça.

Aprovado este acordo, em Abril do corrente ano, foi disponibilizada uma área de meio hectare da quinta, totalizando deste modo uma área utilizável de cerca de 1,5 hectares.

Deste modo, estão em curso trabalhos de recuperação para a utilização pública do espaço cedido. Pretende-se a criação de um espaço simples e funcional contemple as necessidades actuais de mobilidade pedonal mas que ao mesmo tempo não esqueça a sua identidade, enquanto quinta de recreio e jardim histórico, promovendo a sua protecção.

RETROSPECTIVA

A HISTÓRIA DAQUELE QUE PODERÁ SER...

Em 1742, D. Pedro, futuro rei D. Pedro III, segundo filho de D. João e de D. Mariana de Áustria, herda a casa do Infantado e, assim, as ricas propriedades agrícolas das Quintas e Palácios de Caxias, Bemposta, Alfeite, Samora Correia, Monteiro e Queluz. A casa do Infantado foi criada em 1654 por Alvará de D. João IV para dotar de rendimentos próprios os filhos secundogénitos do casal régio de forma a garantir a estabilidade da Coroa evitando rivalidades fraticidas.

O Palácio foi mandado construir pelo infante D. Francisco (1691-1742), filho de D. Pedro II (1648-1706) e de D. Maria Sofia de Neuburgo, e depois concluído por D. Pedro, futuro D. Pedro III (1717-1786). Quando terminaram as obras de construção do Palácio de Caxias, D. Pedro III terá decidido enobrecer este espaço com jardins de buxo à lá française e enriquecê-lo com esculturas, criando um espaço de lazer próprio da dignidade da família real numa quinta de reconhecida produtividade agrícola. Neste contexto, o rei consorte surge-nos como um verdadeiro mecenas, o protector das artes e da ciência, reunindo uma série de artistas e artesãos capazes de criar um espaço esplendoroso para festas, que já se habituara a dar tanto em Queluz como em Caxias. A obra maior onde D. Pedro pôde dar largas à sua vertente artística foi a transformação da Quinta Real de Queluz num émulo do Palácio de Versalhes. Assim que fixa residência em Queluz, D. Pedro faz-se rodear dos artistas ao sabor da última tendência do seu tempo e de importar obras de França, de Inglaterra e de Itália. Nesta quinta foi criado um jardim para usufruir do melhor da vida, na qual um quotidiano galante e luxuoso, com recepções saraus e festas sumptuosas decorria em espaços compartimentados, alguns deles com cascatas como cenários.

...O JARDIM MAIS BELO DE PORTUGAL¹

Depois desta experiência, não foi difícil para o rei D. Pedro III criar uns jardins à la française na Quinta Real de Caxias, de menor dimensão e menos dispendiosos, mas onde uma certa grandiosidade foi igualmente exigida.

O facto de se localizar à beira-mar ter-lhe-á conferido condições climáticas e de acolhimento a quem chegava por mar àquelas bandas, suficientes para justificar a edificação de um jardim de tal aparato, que se apresentava como um prolongamento do palácio aí mandado construir, que se limitava a um piso térreo e outro nobre.

A reflexão sobre a simplicidade e pequena dimensão do palácio de Caxias alargou o leque de significado do Jardim como prolongamento do próprio edificado. Neste sentido, o Palácio é a casa de apoio à «divisão» principal, que é o jardim. Este era a grande «sala» de convívio, onde se despendia mais tempo, onde se recreava, onde se cortejava. Neste sentido, aqui se concentrou o luxo: em lagos espelhados, tanques emoldurados de buxo, mobiliário de jardim e esculturas de Joaquim Machado de Castro.

¹ Ana Duarte Rodrigues, no livro «Quinta Real de Caxias, história, conservação e restauro»



_CORREDOR VERDE DA ESTRADA MILITAR VAI AVANÇAR

_Primeira fase do Corredor Verde da Estrada Militar está pronta para arrancar.

texto por **SÓNIA CORREIA** _ fotos de **CÂMARA MUNICIPAL DE OIRAS**

Está concluído o projecto para a construção da primeira fase do Corredor Verde da Estrada Militar, compreendido entre o aglomerado urbano de Valejas e o entroncamento da Estrada Militar com a Estrada de

Barcarena, numa extensão aproximada de 1340 metros.

Refira-se que esta fase é apenas a primeira de um projecto maior que pretende estender o corredor verde até Queijas, Estádio Nacional e Caxias Oriental.

A proposta assenta sobre pressupostos funcionais e estéticos que se pretendem adequados aos objectivos gerais a implementar nos espaços verdes de utilização pública e nomeadamente os que, como este, terão uma manutenção permanente da Câmara Municipal e uma função básica de fruição de fluxos ecológicos e funcionais, nomeadamente de actividades ligadas ao recreio activo (práticas desportivas) e passivo (contemplação e estadia).

Junto ao aglomerado urbano de Valejas o projecto aponta para uma intervenção de cariz mais urbano. Assim, propõe-se a constituição de um perfil-tipo, composto pela regularização do passeio a Nascente (junto às moradias), e pela execução de um passeio ou faixa pedonal com quatro metros de largura e contida a Poente por uma estrutura de suporte em betão com um metro de altura média. Esta faixa será infra-estruturada com vegetação (árvores em caldeira), pilaretes ou dissuasores de estacionamento e mobiliário urbano (bancos, papeleiras e iluminação).

Para Sul, a intervenção estende-se ao longo da crista do talude Poente da Estrada Militar e até ao cruzamento da Estrada Militar com a estrada que segue para Barcarena.



ENQUADRAMENTO

O PROJECTO PREVÊ:

-Quatro áreas de estadia com uma distância entre elas de cerca de 350/400 metros. O pavimento na área de circulação será composto por betão poroso, pretendendo-se que seja totalmente permeável e constituindo uma solução diferenciada em termos de circulação, referenciando e distinguindo através da imagem e textura todo o percurso.

Nas áreas de estadia propõe-se a mudança de pavimento para calçada em cubos de calcário, de forma a marcar estas estadias/miradouros.



_O 'NOSSO' MAESTRO PEDRO OSÓRIO

_Na música fez de tudo um pouco, desde música para festivais, passado pelo teatro e até, imaginem só, por bares de alterne. É desarmante a sua sinceridade, é delicioso o seu sentido de humor.

De riso fácil, Pedro, o 'nosso maestro' como carinhosamente chamamos a este munícipe, desnudou-se para a Oeiras em Revista começando por afirmar que nada tinha a dizer.

Poderão confirmar o contrário.

texto por **CARLA ROCHA** _ fotos de **CARMO MONTANHA**

_ Pedro Osório é portuense de gema. É lá que busca as suas raízes. É lá que se espraia quando se reencontra com toda a sua família, no entanto, encontrou, em Oeiras, o sítio perfeito para viver. Este homem que um dia quis ser padre, que esteve à beira de ser um engenheiro de máquinas e que optou por uma vida ligada à música, é também um homem preocupado com a sociedade onde se insere. Por isso, ou por puro egoísmo, como o próprio afirma, tem um cuidado imenso em ajudar, em dar de si para causas públicas.





Hoje, com 70 anos, dois filhos e um neto, Pedro diz-se em paz com a vida. Passa os dias entre a Sociedade Portuguesa de Autores e a bricolage na sua casa, no centro de Oeiras. Imbuído do sentido mais prático da existência olha para a mortalidade de frente, enfrentando e aceitando-a. E quem com ele fala fica assim, como eu, sem palavras...

Eu queria mesmo é que nos contasse o que não conta a mais ninguém.
Não tem sorte porque sou um desbocado. Conto tudo a todos (risos)

É natural do Porto e a sua família é ligada ao vinho, certo?
Exactamente. A família por parte do meu pai era cultivadora de vinho do Porto.

E o Pedro é um apreciador?
Sim, sou desde miúdo. Em minha casa havia aquelas garrafas especiais que só se abriam em alturas especiais. Como tal, aprendi a apreciar e até a venerar um pouco o vinho do Porto.

Quando era pequenino o que almejava ser?
Gostava de ser padre.

Porquê esse anseio de ser padre?
A nossa casa era muito frequentada por padres. Havia uma congregação religiosa perto de casa e transitavam muito por lá um ou dois padres para lanchar, e também tínhamos uns familiares padres.

E era por essa ambiência que queria ser padre?
Sim, por um lado porque vivia esse ambiente religioso, e porque aos domingos o meu pai levava-me muitas vezes a passear até Vila Nova de Gaia onde havia um seminário e eu chegava lá e via putos da minha idade, numa grande quinta, onde se jogava futebol, jogava-se às damas, ao xadrez e de forma que eu adorava aquilo. E depois havia um padre que dizia que ia passear e que as pombinhas vinham pousar nos ombros, de forma que achava aquilo fantástico e maravilhoso.

Não era propriamente um chamamento de Deus?
Não, eu é que pensava que um sítio onde havia putos da minha idade a divertirem-se e que ainda por cima vêm as pombinhas pousar nos ombros que é uma coisa deliciosa, embora fotograficamente seja uma coisa muito pirosa, portanto eu queria ser padre.

E como desistiu da ideia?
O meu pai, que embora fosse um tipo muito conservador e religioso e gostasse da ideia, era de igual forma uma pessoa muito inteligente e quando eu disse que queria ir para o seminário ele quis que, antes disso, tirasse o curso do liceu. E lá foi dizendo que quando eu fosse adulto, se quisesse ir para padre, então muito bem, seria um grande prazer para ele.

Ele tinha a noção que você não sabia muito bem o que era ser padre, o que é que queria na realidade.
Exacto, ele era um homem que grande visão.

E quando é que deixou de lado essa ideia?
Fui salvo pela França.

Pela França?
Sim, tinha uma vizinha francesa, a Nanette, que andava no liceu onde eu andava e que um belo dia lançou um ramo de violetas à minha frente como que numa declaração de amor. Tínhamos ambos dez anos e andávamos no primeiro ano do Liceu. De forma que entre a Nanette e o seminário, optei pela primeira (risos).

É um romântico?
Sou, mas isso nem é preciso perguntar, topa-se à distância.

E então faz o liceu e depois como é que as suas escolhas de vida se vão encadeando?
Acabei o Liceu e até ao fim do Liceu fui sempre bom aluno. Fui para engenharia de máquinas, para a faculdade e aí é que foi a desgraça.

E porquê?

Foi um salto muito brusco a saída do Liceu para a faculdade. No Liceu tinha uma excelente relação com todos, inclusive com os professores e vou para uma faculdade onde os professores eram uns génios equidistantes e autoritários. Não tínhamos grande acompanhamento e, ao mesmo tempo, rebentou, com toda a força, a puberdade. Tinha 17 anos, altura das descobertas e como tal, o primeiro ano foi o descabro. Eu que era aluno de 18 e 19 passei a uma cadeira no primeiro ano e chumbei às restantes.

E os seus pais, como reagiram?

Com uma grande preocupação, consternação e a questionarem-se o que se passava comigo. Mas no entretanto eu tinha andado no conservatório até ao 5º ano e resolvi ser músico.

E os seus pais aceitaram bem essa vontade?

Claro que não, porque eu só podia querer ser médico, advogado ou engenheiro. Mas não, insisti na música e o pior é que o género que gostava mesmo era de jazz.

Ou seja, o jazz era um género impróprio?

Completamente, eu ouvia jazz através de discos de amigos porque com o meu pai, o que se ouvia era música erudita até aos finais do século XIX, até ao impressionismo, daí até cá já era uma coisa que não interessava e como tal, não se ouvia. E como meus pais não aceitavam que eu fosse para a música, fiquei na faculdade numa grande luta. O segundo ano correu melhor de tal forma que consegui fazer duas cadeiras. E, entretanto, apareceu na minha vida a Guerra Colonial e como tinha tido dois chumbos seguidos, fui para a guerra.

E foi para onde?

Fui para Angola.

E o que fazia na guerra?

Nada, foi uma guerra santa. Estava em Luanda no quartel-general onde não fazia praticamente nada. Ainda me lembro, estava na Chefia dos Serviços de Contabilidade e Administração, que era uma coisa horrível. E eu que nunca tive jeito para contabilidade nem coisa alguma desse género, ao estar lá mostrei toda a minha incapacidade para aquele trabalho ao que me pediram para fazer o mínimo possível para não estragar. De forma que passei lá dois anos e meio dos mais giros da minha vida.

Nunca teve receio?

Não, eu estabeleci relações de amizade com angolanos e tive amigos, em especial uma mulata de quem era muito amigo.

Deixamos a França e passamos para Angola!

(risos) Pois, e olhe que foi aí que abri os olhos para a realidade Portuguesa.

Ou seja, de alguma forma colocou-se na pele deles e entendeu-os.

Completamente. Eu quando fui para Angola fui com a formação que tinha, uma cabeça conservadora e ia para combater os maus.

E ao chegar percebe que não é bem assim, que há duas realidades?

Bastou-me seis meses para perceber. Os primeiros meses andei por lá com malta amiga da foz mas ao fim de algum tempo comecei a achar

aquilo desinteressante. Nessa altura, conheci uma mulatinha muito simpática e inteligente e que um dia me convida para uma festa de anos num sítio onde eram todos negros e apenas eu era branco. Receberam-me muito bem, com uma cordialidade muito grande que entraram no coração, literalmente. Nessa noite tive uma série de conversas e sai de lá às seis da manhã com a cabeça completamente mudada.

E como é que conseguiu compatibilizar isso com a sua função ali que era a de combater os seus 'amigos'?

Foi fácil porque como só assinava uns papéis e tratava de umas subvenções de família de uns militares, não era difícil. Pior seria se estivesse no mato a combater.

Conhece em Angola aquela que viria a ser a sua futura mulher.

Sim, conheço lá uma rapariga, branca mas natural de Angola com quem caso um ano depois de ter regressado.

Quando é que se dá a sua ligação à música de uma forma mais efectiva, sem ser em paralelo?

Quando vim ainda estudei e cheguei ao quinto ano do curso, mas depois decidi ingressar na música profissional e tive de vir para Lisboa porque música profissional no Porto não era possível.

Quando resolve vir para Lisboa deixando um curso inacabado, imagino que os seus pais não tenham apoiado.

Quase cortaram relações comigo. Só quando comecei a ter algum sucesso na vida musical é que perceberam que não era um disparate. Viram que eu não era o 'tipo que vai para Lisboa viver na devassidão da noite de Lisboa'. Começaram a ver que eu era um profissional, aparentemente competente e as coisas foram amansando até que voltei ao mimo da mãe e houve a reconciliação total.

Mas nunca voltou a viver no Porto?

Não, isso não era possível. Só há uns anos para cá é que se pode ser um músico profissional no Porto.

E tem pena?

Sim, embora tenha de dizer que a vida em Lisboa e principalmente em Oeiras, tratou-me muito bem. Antes vivi em Lisboa e depois na Parede, mas lá a vida não me correu bem porque me morreu uma filha com um ano de idade que se chamava Lúcia. Foi algo arrasador, principalmente para a minha mulher, porque eu tenho uma capacidade, que nem sei explicar muito bem, mas que parece um botão onde desligo o pensamento daquilo que me faz sofrer. Remeto para um sítio qualquer do cérebro a angústia e a tristeza. Mas a minha mulher não vive assim as coisas e foi-lhe muito difícil superar essa dor. Depois fizemos um terceiro filho, porque o primeiro também não tinha vingado, e foi esse que nos curou, aos dois.

E já tem um neto?

Sim, um lindo neto. Mas entretanto separei-me da minha mulher e recasei-me.

Recasei-me é uma palavra curiosa.

Acho que se não existe devia existir (risos).

— “Sim, foi um amigo que me convenceu a fazer uma música para o Festival da Canção. Eu aceitei relutantemente porque nunca o tinha feito, mas lá fiz a música e ele mete a letra e não é que aquilo vai para o festival e ganha? De forma que achei que valia a pena e comecei a trabalhar mais em canções.”



Em que ano vem para Oeiras?

Em 1973. E sabe que sempre gostei da vila de Oeiras, sempre. Mas na altura Oeiras era um dormitório e honra seja feita ao Isaltino que conseguiu com que fugisse a esse terrível destino. E se quer que lhe diga, gosto quase tanto de viver aqui como gostaria de viver no Porto.

Quando é que voltou a casar?

Bem, minha actual mulher estava grávida de quatro meses, que coisa imortal (risos) e o meu filho tem agora 18 anos, por isso é só fazer as contas.

Ainda dá em divórcio não saber, na ponta da língua, o ano!

(risos) espero bem que não. Portanto, casei-me há dezoito anos e cinco meses.

Voltemos ao início da sua carreira como músico, quando chega a Lisboa não era difícil singrar nesse mundo?

Cheguei a Lisboa em 1968 e já ia havendo umas coisas, um movimento que já era grande. Eu quando venho ainda fui para o Técnico fazer umas cadeiras do quinto ano e ingressei no Quinteto Académico, que era um conjunto, isto na altura porque hoje dir-se-ia uma banda, portanto era um conjunto de Pop/Rock que embora fosse um conjunto amador, tínhamos resolvido passar a profissionais com um manager a sério. Entrei logo num conjunto muito organizado e que disputava a liderança do sucesso com os Sheiks. E éramos só os dois conjuntos que disputavam os bailes e alguns concertos da capital.

Como é que define essa altura uma vez que estavam envolvidos numa política repressiva?

Era uma altura muito interessante, porque estavam a surgir muitos conjuntos um pouco ‘empurrados’ pela explosão da música em Inglaterra e, sem dúvida que o movimento inglês chegava cá com mais força.

Mas havia um grande filtro?

Havia, mas era um filtro com buracos porque havia música que se ouvia, como por exemplo os Beatles, os Stones entre outros. E, portanto, o Quinteto Académico e os Sheiks é que davam cartas. Nos Sheiks estavam o Paulo de Carvalho, o Fernando Tordo, o Carlos Mendes

E em que é que diferiam?

Nós éramos mais um grupo de ritmo & blues e eles eram um conjunto como os Beatles, um trio eléctrico, um baixo e duas guitarras, bateria e vozes. Eles cantavam muito bem, nós em voz éramos mais pobres.

Quanto tempo esteve no Quinteto?

Ano e meio. A dada altura deixou de me dar satisfação, achei que o projecto estava a esgotar-se e comecei a querer fazer música mais íntima e portuguesa e então formei um trio que se chamava Trio Barroco que era constituído por piano, baixo e bateria.

Foi nessa altura que faz a música para o Festival da Canção?

Sim, foi um amigo que me convenceu a fazer uma música para o Festival da Canção. Eu aceitei relutantemente porque nunca o tinha feito, mas lá

fiz a música e ele mete a letra e não é que aquilo vai para o festival e ganha? De forma que achei que valia a pena e comecei a trabalhar mais em canções. E fiz o percurso habitual, toquei em boîtes, clubes nocturnos, bares de alterne, programas de televisão. Entretanto, comecei a estudar orquestração, indo da orquestração de pequenos grupos passando, depois, para orquestras e entretanto vivi mais de uma década a trabalhar em estúdio e a acompanhar, ao piano, artistas em tournée.

Porquê o piano?

Sei lá, talvez por haver um piano em minha casa.

Pragmático.

Mas a vida é assim, simples.

Mas tem consciência que nos bares de alterne ninguém o ouvia?

Ouviam, ouviam.

Eu acho que estavam mais atentos às senhoras.

Pois, mas as senhoras estavam atentas à minha música (risos). Elas sempre foram muito carinhosas comigo, não falo em termos físicos, mas da-

vam atenção ao que eu estava a tocar. E eu lá ia dando azo à minha loucura e improvisava umas coisas. Ia muito para o Jazz de forma que e elas achavam que eu estava a fazer um esforço cultural e, como tal, corria bem.

O jazz é a sua preferência?

Não, a que eu prefiro e sempre preferi é a música erudita.

E quando se dá o 25 de Abril, o que estava a fazer?

Estava a fazer uma Revista no ABC.

Em 1994 recebeu, pelas mãos do Presidente da República o Grau de Comendador Infante D. Henriques. Como se sentiu ao receber tão alta condecoração?

Gostei muito, gostei mesmo muito. A gente gosta de ver reconhecido o seu trabalho, e quem é que não gosta de ser apapricado? Ainda por cima pelo Mário Soares que é uma pessoa fantástica.

O que é que lhe dizem quando estão a condecorar?

Olhe que já não me lembro. Estava eu e o Prof. Cavaco Silva que tinha sido meu colega na tropa. Fomos colegas em Santarém e depois na espe-



cialidade, na Pontinha. Eu não me lembrava dele e foi ele que se lembrou. E eu não me lembrava e a razão é simples, é que ele foi o segundo do curso e eu também, só que ele foi o segundo a contar de cima e eu o segundo a contar de baixo, de forma que nos encontrávamos relativamente pouco (risos). Mas deixe-me dizer que tenho outra homenagem, de menor valor teórico, mas que me agradou muito que é a medalha de ouro de Oeiras que recebi há uns anos no auditório Eunice Muñoz. Foi algo que me deixou muito enternecido. Eu acho que esta comenda que me foi dada pelo Mário Soares não deverá ter sido pelo meu trabalho artístico creio que teve mais a ver com o facto de sempre me interessar muito pelas coisas públicas.

Mas essa preocupação é um preocupação com a Classe ou porque acha que nós, enquanto cidadãos devemos fazer o que está ao nosso alcance pela sociedade em que vivemos?

Eu quando era adolescente gostava muito de filosofia, de pensar sobre as coisas e até escrever sobre as mesmas. E aqui há tempos descobri uns papéis que devo ter escrito pelos meus 15 anos onde dizia que todo o altruísmo é uma forma encapotada de egoísmo. Ou seja, somos altruístas para nos sentirmos bem, para sentirmos bem perante os outros ou até pela admiração de nós por nós próprios. De forma que isto acaba por reverter numa forma disfarçada de egoísmo. Por isso, o meu interesse por todas estas actividades de cidadania acaba por ser um pouco de egoísmo, para chegar à noite e dizer ‘que bom que é ser eu’. Pensar que nos portamos bem, que fazemos coisas úteis. Acaba por nos dar uma boa relação com nós próprios.

Não será que essa atitude possa vir da sua educação cristã?

Provavelmente. Mas esqueci-me de lhe dizer que embora tenha tido uma educação católica aos 17 anos deixei de o ser e passei a ser agnóstico. Hoje sou um agnóstico convicto. Mas talvez seja o bichinho da educação religiosa, da solidariedade religiosa que me foi metido cá dentro, que eu transpus, depois, para uma solidariedade civil. Talvez, não sei...

Actualmente está na Sociedade Portuguesa de autores

Foi mais uma das actividades cívicas em que me meti.

Numa altura muito complicada porque vai-se à net e saca-se tudo e mais alguma coisa.

Sim, estamos num período muito complicado para os direitos de autor em geral. O direito de autor está a ser atacado por muitos lados.

É algo que lhe tira o sono?

Não, preocupa-me, mas tirar o sono não. Durmo muito bem e sem precisar de pastilhas.

Tem um grande sentido de humor e facilmente nos faz rir e ri-se das coisas mais dramáticas da vida. Isso é um escape?

Mais do que um escape é um resquício que ficou de como eu era de antes. Eu antes era completamente louco. No Liceu chamavam-me O Alienado. E sempre fui bastante louco, mas depois com as responsabilidades que fui adquirindo, tive de ir acalmando, tive de me tornar uma pessoa mais séria, mas ficou-me cá o bichinho de forma que tenho uns acessos curtos e fugidios de loucura.

Mas eu acho que uma dose de loucura é bom.

Também acho e dou-me bem com isso.

É que as pessoas às vezes levam a vida demasiado a sério.

Concordo plenamente. E eu seria militantemente mais bem disposto se não vivêssemos num país que ainda é muito convencional. Tenho grandes esperanças na actual geração adolescente porque acho que são esses que vão mudar o nosso país. Nós ainda somos muito convencionais, e de um convencionalismo que acaba por ser, muitas das vezes, provinciano. Mas a geração a que pertence o meu filho mais novo, é uma geração mais aberta, conhece a Europa, conhece o mundo e podem não conhecer Camilo Castelo Branco ou a nona sinfonia de Beethoven mas conhecem o mundo e isso é fundamental para nós, no momento em que vivemos.

E você, na educação que dá ao seu filho, segue esses princípios?

Claro, ainda há dias dei-lhe ordem de partida para ir no inter-rail e disse que fosse acompanhado ou sozinho, tinha de abalar daqui 15 dias.

E ele vai?

Vai, se não arranjar mais ninguém vou eu com ele, mas é uma chatice ter de ir com o pai. Porque é importante ir com amigos, fazer asneiras, é assim, faz parte do crescimento.

Está quase a fazer anos, como os vai festejar?

No Porto, com a minha família toda junta. Vai ser bom.

E uma boa festa tem de ter sempre um bom vinho.

Sou abstémio. Tornei-me abstémio há cinco anos, porque tenho uma doença grave e tomo medicação.

Ou seja, não pode beber.

Não é isso, poder posso, mas a medicação que estou a tomar tem uns efeitos secundários que me alterou os meus gostos e, de repente, eu que adorava vinho, principalmente vinho tinto, enjoiei. Deixei de gostar e com grande pena minha. Adorava beber um bom Cartucha... enfim.

E comida, alterou alguma coisa?

Estou quase vegetariano.

Ou seja, quando descobre que tem um problema de saúde, começa a ter hábitos saudáveis, não bebe, come vegetais, pratica desporto.

É a ironia da vida, mas desporto sempre pratiquei.

Em vésperas de fazer 70 anos, faz um balanço de vida?

Não ou talvez o faço todos os dias. É uma avaliação contínua. Não é uma coisa que me interesse muito, sempre achei que a vida é uma coisa com um sentido que ninguém conhece.

E ao fim de 70 anos o que é que a vida lhe ensinou, a viver intensamente o dia-a-dia?

Intensamente não. Quando estava na tropa dizia uma coisa que irritava muito o nosso instrutor: A tropa não é para se fazer, é para se ir fazendo. E eu acho que o mesmo se passa com a vida, não é para se viver e sim para se ir vivendo. Vale a pena vivê-la com interesse e se possível com paixão

que é mais difícil é até um pouco luxuoso. Acho que vida agradável, mais do que realizar grandes paixões, está no realizar pequenas mas inúmeras paixões. Pelo menos comigo acontece isso. Sempre consegui uma felicidade razoável ao realizar pequenas paixões, atingir uns sonhos.

Por exemplo?

Senti-me feliz por ter conseguido reparar, à mão, um banco do meu jardim. Gosto de coisas simples, pequenas... agora quero reparar uma va-



PERSPECTIVAS

SABIA QUE

Pode ler as crónicas que Pedro Osorio escreve, mensalmente, para o roteiro cultural 30 Dias na secção de Música. Nelas, Pedro faz uma viagem ao passado e relembra episódios de uma vida cheia de experiências. Vale a pena ler este homem que é único na sua forma de ser e de estar na vida.

randa que dá para o meu pequeno latifúndio (risos). Estou a escrever um livro baseado nas crónicas que escrevo para a revista 30Dias. E há uma coisa que continuo a gostar de fazer que é música.

E faz?

Faço, para o cliente que mais palmas me dá que é a minha gaveta e quando eu cá já não estiver, talvez vá lá alguém e descubra algumas coisas interessantes. Sabe que eu não sou, por formação, por educação, um músico muito popular. Preciso de fazer um esforço para ser.

Como reagiu quando soube que tinha cancro? Foi um choque imediato ou foi tendo noção aos poucos?

Foi uma experiência nova. Eu tinha muitas dores e andei uns tempos a fazer exames e à procura de saber o que tinha até que descobri que era um cancro. Tive a sorte de ser cobaia para um medicamento novo, que veio dar-me alguns anos de vida. Ele esta num sitio onde é raríssimo existir, ou seja, tenho um cancro no Estroma Intestinal, eu nem sabia que tinha uma coisa que se chama estroma intestinal.

Mais valia continuar a não saber que o tinha!

Não pense assim, afinal todos nós temos de ir um dia.

Não consigo ser assim tão pragmática.

Mas olhe que a vida é mesmo assim.

Eu gostava mesmo que este mundo e as pessoas que gosto ficassem cá para a semente, como se costuma dizer.

Não diga isso. Olhe, há três coisas que em afastaram da religião e quando falo em afastarem falo de um processo que foi relativamente rápido que demorou ano e meio. E uma das coisas foi o pensar no processo de vida eterna. Na altura, o que me davam a acreditar era no Inferno, aquele sitio horroroso para onde iríamos se não nos portássemos bem, e depois dei por mim a pensar que o Céu seria igualmente terrível. Porque estar num sitio para sempre, de onde nunca mais sairia, transformar-se-ia num inferno. Estar num sitio para sempre é um horror.

E o mesmo pensa da Terra?

Pois, seria um horror. Nós não merecemos uma coisa tão má. Depois falava com o meu confessor sobre estes meus dramas e ele dizia que nós depois de morrermos transformamo-nos, ganhamos uma nova personalidade. Então, se assim é, morri para este que agora sou. Por tudo isto, sempre encarei uma coisa boa da vida o facto de ela ser finita.

Encara a morte com algo que, ainda bem, acontece.

Sim, e a morte é o nosso grande momento, é o final do espectáculo quando vem o grande aplauso final e pronto. A morte é o corolário, é a cereja em cima do topo.

E o que acha que há depois da morte?

Nada, depois da morte não há nada, ou melhor, haverão aqueles que vão nascer.




_ARRUDA, Carlos
“O vinho é o melhor lugar para
se encontrar com os amigos.”

_ Imagens de quadros pintados pelo artista Gustavo Fernandes



ÉNOLOGO

É o especialista da ciência do vinho e da vinificação. Muitas vezes as vinhas requerem o trabalho de controlo do Enólogo. Já o Enófilo é o indivíduo que aprecia e estuda os vinhos.







NOVA OEIRAS

JARDIM VIVO



Em Nova Oeiras as aves são felizes. Desde manhã cedo dão-nos o prazer da sua companhia. As árvores frondosas acolhem casais de elegantes pintassilgos, inquietos chapins ou argutos melros. Aqui e ali um casal de gaios conversa, enquanto as toutinegras invadem o ar de cantos celestiais. Em Nova Oeiras as aves convivem com os seres humanos numa comunidade que se conhece e se respeita. Um convívio antigo que agora se renova.





Em 2007 a Associação de Moradores de Nova Oeiras (AMNO) criou o “Projecto Jardim Vivo”. O melhor conhecimento do bairro levaria ao seu desenvolvimento, preservando a sua identidade. Nova Oeiras foi construída nos anos 60 dentro do modelo de Le Corbusier, um compromisso entre espaços verdes e zona habitacional, num conjunto de 13 hectares densamente arborizados. O “Projecto Jardim Vivo” pretende promover uma maior interacção dos moradores com os jardins do bairro. Esse património natural, que esteve na fundação de Nova Oeiras, tem de ser mantido de forma sustentada com a colaboração e empenho de todos, a começar pelos seus moradores.

O “Projecto Jardim Vivo” abarca as múltiplas formas de vida aqui existentes, sejam vegetais ou animais. O projecto iniciou-se com o levantamento das espécies de aves existentes em Nova Oeiras, identificadas através da sua observação ou da audição e reconhecimento dos seus cantos. Esta acção foi, desde o início, apoiada pela SPEA (Sociedade Portuguesa Para o Estudo das Aves), que nos deu o contexto científico indispensável, e pela Junta de Freguesia de Oeiras e S. Julião da Barra, que apoiou financeiramente. A SPEA (www.spea.pt), associação não governamental de ambiente, foi criada em 1993, dedicando-se ao estudo e conservação das aves selvagens e dos seus habitats. É a representante nacional da BirdLife International, rede de associações representada em mais de 100 países. A SPEA desenvolve um número muito elevado de actividades por



WWW.NOVAOEIRAS.COM/

A AMNO:

A Associação de Moradores de Nova Oeiras tem como missão defender e promover a urbanização de Nova Oeiras e preservar a qualidade de vida dos seus moradores. Para o efeito a AMNO irá intervir junto das entidades competentes, designadamente da CMO, da JFO e do GALNOV.

A AMNO criou o “Projecto Jardim Vivo”, com o objectivo de dar a conhecer melhor o bairro e a sua natureza. Considerou que tal levaria ao seu desenvolvimento e à preservação da identidade de Nova Oeiras.



ano, como saídas de campo, estabelecendo igualmente inúmeras parcerias com vista à divulgação da ornitologia, como no caso da presente parceria com a AMNO.

Ascendem a 30 as espécies de aves detectadas nos espaços ajardinados de Nova Oeiras com carácter de regularidade. Muitas delas existem na generalidade do concelho, encontrando nos espaços verdes de Nova Oeiras condições óptimas para a sua permanência e reprodução.

Depois de feito o levantamento pela SPEA, realizou-se, em Junho de 2007, uma palestra promovida pelo biólogo Ricardo Tomé, seguida de uma visita para observação das diversas espécies de aves no seu habitat.

Em Dezembro de 2007 procedeu-se à colocação em árvores de trinta caixas ninho para as espécies que dependem de cavidades para nidificar, como por exemplo os chapins, as trepadeiras e os estorninhos. Foram ainda colocados dois comedouros para pássaros de pequeno porte, destinados a fornecer sementes durante o Inverno, período em que as aves podem encontrar maiores dificuldades em encontrar alimento. Simultaneamente foram afixadas no bairro placas identificadoras das diversas aves existentes nos jardins. O entusiasmo dos moradores por estas acções foi grande, quer por parte das crianças, quer dos adultos. Todos ajudaram a montar e pintar as caixas, tendo depois procedido á sua instalação no alto das árvores, transportando escadas e vencendo vertigens. Naquele dia todos revivemos a infância. Moradores que não se conheciam, verificaram ser, afinal, vizinhos há muitos anos. Ganharam as aves. Ganharam as pessoas. Ganhou Nova Oeiras.



“Com estas acções estamos certos que os freixos e ulmeiros de Nova Oeiras continuarão a abrigar aves felizes que agradecem. Os moradores, sem dúvida, retribuem. Oeiras fica a ganhar.”



WWW.SPEA.PT

Durante meses andámos em discreta vigilância na ansiedade de ver os ninhos ocupados. Só em Maio de 2008, após o período de postura, pudemos proceder à monitorização das caixas e à sua adequada manutenção. Nesta acção, mais uma vez apoiada pela SPEA, foi possível observar alguns ninhos ocupados, alguns deles ainda com aves juvenis no seu interior. Estimámos uma ocupação de cerca de 25% das caixas, o que representa um excelente indicador para o primeiro ano. Os chapins, nomeadamente o chapim-real, foram os proprietários mais frequentes nas caixas ocupadas.

Em 2009, para além de continuarmos a monitorização e manutenção das caixas ninho projectamos, com o apoio da Junta de Freguesia, a edição de uma brochura “Aves de Nova Oeiras” e a colocação de uma sinalética integrada representando todas as espécies em local central do bairro.

Com estas acções estamos certos que os freixos e ulmeiros de Nova Oeiras continuarão a abrigar aves felizes que agradecem. Os moradores, sem dúvida, retribuem. Oeiras fica a ganhar.

A SPEA:

A SPEA, associação científica sem fins lucrativos que promove o estudo e a conservação das aves em Portugal tem como missão trabalhar para o estudo e a conservação das aves e seus habitats, promovendo um desenvolvimento que garanta a viabilidade do património natural para usufruto das gerações futuras.

Os principais objectivos da sociedade são:

- Promover, dinamizar e divulgar o estudo da biologia das aves e desenvolver as bases científicas e técnicas para a aplicação de medidas de gestão e conservação.
- Promover a conservação das populações de aves que vivem no estado selvagem e dos seus habitats, em particular no território português.
- Contribuir para a valorização e promoção da Ornitologia, nas suas diversas vertentes, através da elaboração e divulgação de princípios orientadores desta disciplina.

“Agora muito abundante nos nossos parques e jardins, a rola-turca é também um habitante relativamente recente em Portugal e na Europa Ocidental.”

_AVES DE JARDIM

Desde muito cedo as aves começaram a colonizar os espaços verdes dentro e ao redor de grandes urbes, adaptando-se a um novo tipo de habitat e à proximidade do homem. Os parques e jardins, bem como a envolvimento das habitações, oferecem muitas vezes importantes oportunidades de alimento para diferentes espécies de aves. Muitos daqueles espaços disponibilizam ainda árvores velhas e de grande porte, que fornecem a estrutura propícia à construção de um ninho protegido e inacessível, nomeadamente para aves que, como os chapins, dependem da existência de cavidades em árvores para aí instalarem o seu ninho. Por outro lado, as aves dos jardins beneficiam também de uma relativa ausência de predação, uma vez que nestes locais não se caça e são também escassos os predadores naturais, como aves de rapina ou mamíferos como as fuinhas e as genetas.

A grande maioria das espécies de aves dos jardins são os chamados pássaros, ou passeriformes, grupo no qual se incluem praticamente todas as pequenas aves que podemos observar nos centros urbanos. Nestes destacam-se aves insectívoras, como os chapins, que procuram acrobaticamente formigas, pequenos escaravelhos ou lagartas por entre a folhagem ou em pequenos ramos. Para além de três espécies de chapins – chapim-real, chapim-azul e chapim-carvoeiro – ocorrem nos jardins de Oeiras outros insectívoros de pequeno tamanho e muita habilidade. São exemplo disso a trepadeira, ave castanha que deve o seu nome ao hábito de escalar de baixo para cima os troncos das árvores em busca de aranhas debaixo da casca, ou a estrelinha-real, pássaro minúsculo que passa a sua vida procurando alimento entre as agulhas dos pinheiros, apenas se denunciando pelo seu pio extremamente agudo.

Os jardins são também frequentados por excelentes cantores, que encham os ares de sons melodiosos a partir da Primavera, ou mesmo em dias mais quentes no Inverno. Nesses períodos podemos escutar o canto puro e aflautado da toutinegra-de-barrete, assim chamada



devido ao barrete que ostenta, e que é negro nos machos e castanho nas fêmeas. Ou, podemos ouvir, ao início do dia e final da tarde, alturas em que é maior a actividade da maioria das espécies, o canto melancólico do melro, um dos habitantes mais populares dos nossos jardins. Os melros, parentes próximos dos muito menos urbanos tordos, são um exemplo de sucesso na adaptação aos espaços verdes das grandes cidades. O mosaico de sebes e relvados que os jardins compõem, proporciona aos melros um habitat de sonho, em que compatibilizam um ninho bem abrigado num arbusto com um “refeitório” de erva curta onde encontram abundância de minhocas. Entre os passeriformes granívoros, muitos deles também dotados de excelentes repertórios vocais, são numerosos nos jardins os pintassilgos, os verdilhões e as milheirinhas. Multicolores, os primeiros, ou em tons de verde e amarelo, os segundos, estas aves alimentam-se de uma grande diversidade de sementes, que encontram nas árvores ou plantas rasteiras que embelezam parques e jardins. Ainda mais abundantes, os pardais, embora granívoros, aproveitam igualmente migalhas e outros restos provenientes de cafés ou outros espaços de consumo urbano.



Fruto da relativa constância de condições ambientais que encontram nos jardins durante todo o ano, a maior parte das aves que ocorrem nestes espaços são residentes. No entanto, também se contam no elenco das aves de jardins algumas espécies migradoras, como as felosinhas, que apenas ocorrem no nosso país durante o Inverno, provenientes das paragens mais frias do Centro e Norte da Europa, que preferem na época de nidificação.

A plantação de espécies de plantas oriundas de outros continentes permite também aos jardins assumirem características ímpares em termos de habitat. Esse facto foi aproveitado por algumas espécies de aves que originariamente não faziam parte da avifauna europeia mas que, após terem escapado ou sido libertados de gaiolas, colonizaram aqueles espaços, alimentando-se dos frutos e bagas disponíveis. Essas aves, designadas por exóticas, incluem, no nosso país, o periquito-rabijunco, espécie de papagaio proveniente do Médio Oriente, ou o mainato-de-crista, parente do Sudeste Asiático dos estorninhos. Apesar das suas plumagens trazerem mais cor às nossas paragens, a introdução de espécies exóticas acarreta muitas vezes efeitos nefastos sobre as espécies autóctones, devido à competição por recursos alimentares ou locais de nidificação. Agora muito abundante nos nossos parques e jardins, a rola-turca é também um habitante relativamente recente em Portugal e na Europa Ocidental. No entanto, neste caso o seu aparecimento foi consequência de uma expansão natural a partir da Turquia, aproveitando a criação de habitats urbanos e rurais que lhe são favoráveis.

Os jardins albergam, assim, uma diversidade relativamente elevada de espécies de aves, podendo neles ser observada uma importante proporção das cerca de 300 espécies que ocorrem com regularidade em Portugal. A habituação que muitas aves desenvolvem em relação à presença do Homem permite a sua observação de forma próxima, no que constitui uma excelente introdução ao mundo das aves. Assim, pegando nuns binóculos, torna-se fácil para miúdos e graúdos desfrutar da panóplia de cores, sons e comportamentos que nos rodeiam e a que, na correria da vida urbana, muitas vezes não prestamos atenção. Perdeu? Quem sabe para o ano não haverá mais!

_NASCEU UM NOVO MITO EM PLENO CONCELHO DE OEIRAS

texto por CARLA ROCHA _ fotos de CARLOS SANTOS



_No o passado
mês de Setembro
decorreu, um pouco
por todo o concelho,
o MITO – Mostra de
Teatro Internacional
de Oeiras.



No passado mês de Setembro decorreu, um pouco por todo o concelho, o MITO – Mostra de Teatro Internacional de Oeiras. De 3 a 13 de Setembro muitos foram os que acorreram aos nossos auditórios para se deleitarem com o que de melhor se faz em termos de teatro, teatro falado em Português. O MITO foi uma parceria entre a Câmara Municipal de Oeiras, o SMAS de Oeiras e Amadora no seguimento de uma proposta de António Terra pensada para integrar as comemorações dos dois séculos e meio de Oeiras, um Concelho histórico com uma forte aposta Cultural. Depois de um ano em que na Europa se celebrava o Diálogo Intercultural e em Portugal muitas vozes se levantaram para opinar sobre o Acordo Ortográfico, quisemos que o denominador comum desta 1ª Mostra Internacional de Teatro de Oeiras fosse a língua portuguesa. Uma das mais faladas no Mundo, e que aos poucos se vai perdendo na expressão artística. Felizmente, é através dessa mesma herança que neste MITO falamos, ouvimos e entendemos, falando o português e a arte, independente da diferença cultural dos países de onde somos oriundos.

Foram 10 dias de pura emoção.

Perdeu? Quem sabe para o ano não haverá mais!



CICLO VOZES DO FADO 2009



_Oeiras fez silêncio para ouvir o Fado. Quatro vozes distintas, quatro formas únicas de cantar este género musical que tanto nos encanta.

O FADO é um dos géneros musicais preferidos em Oeiras. Desta forma a sua inclusão na programação regular promovida nos Auditórios Municipais é uma marca constante, através da presença das suas Vozes mais significativas, com carreiras já consagradas, quer das novas Vozes que vão surgindo e dando um novo sentir a este género musical tão lusitano.

Este ano já ouvimos Aldina Duarte e Hélder Moutinho, Maria Ana Bobone e António Pinto Basto em 4 excelentes espectáculos.

O Fado no feminino e no masculino, mas o mesmo sentir português.

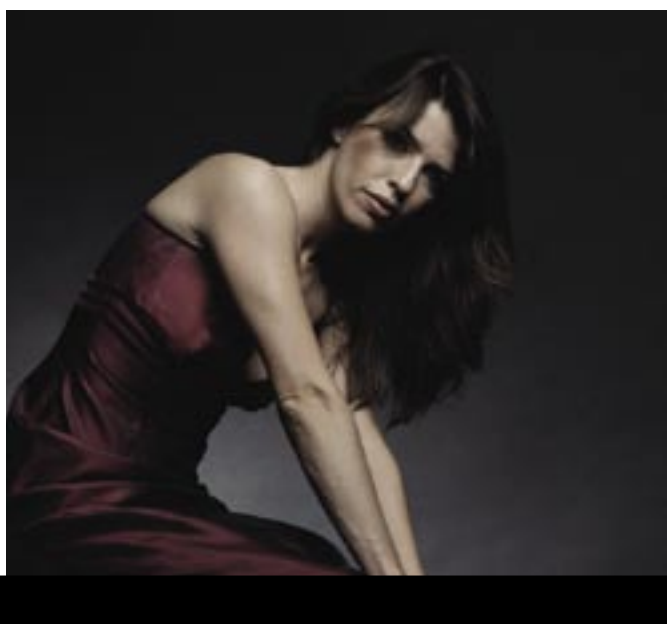
AUDITÓRIO MUNICIPAL RUY DE CARVALHO

18 DE SETEMBRO

_ALDINA DUARTE

25 DE SETEMBRO

_HÉLDER MOUTINHO



Na foto ao lado:
António Pinto Basto

Na foto em baixo:
Maria Ana Bobone



16 DE OUTUBRO

_MARIA ANA BOBONE

23 DE OUTUBRO

_ANTÓNIO PINTO BASTO





Presidente Isaltino Morais rodeado da Rosa Mota, do vice-presidente Paulo Vistas e Bessone Bastos.

_ CORRIDA DO TEJO

_ Decorreu no passado dia 25 de Outubro a 29ª edição da Corrida do Tejo. Uma prova única que é organizada pela Câmara Municipal de Oeiras e a American NIKE. Se perdeu esta oportunidade, esteja atento/a porque para o ano há mais.

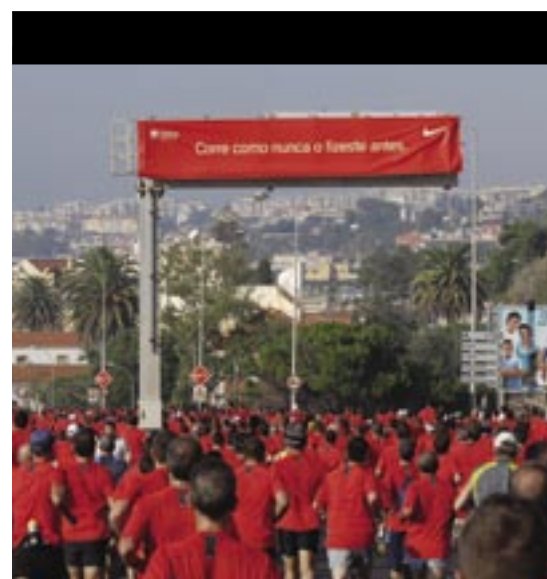
Foi no passado dia 25 de Outubro que a Câmara Municipal de Oeiras e a American NIKE organizaram mais uma edição da Corrida do Tejo.

Esta prova caracteriza-se pelo seu cenário paisagístico único, onde o Rio Tejo acompanha os corredores em toda a extensão do seu percurso, e também pelas diversas animações que existem durante a corrida e que agradam bastante a todos os participantes.

O aumento do número de participantes de ano para ano revela um crescimento do interesse das pessoas de várias idades em participar nesta prova, sendo hoje a prova com classificação mais participada em Portugal. Para além do cenário paisagístico e das animações, destacamos também a zona da fruta party, situada na Praia da Torre, onde os atletas, após terminar a prova, podem recuperar o fôlego a beber água e a ingerir fruta diversa.

De facto, todos estes ingredientes fazem da Corrida do Tejo uma das provas mais queridas pelos corredores nacionais, facto bem patente no crescimento de participantes fora da Área Metropolitana de Lisboa.

Na edição deste ano, que foi a 29ª, pode-se contar com muita diversão e várias surpresas, pelo que, razões para participar para o ano, não vão mesmo faltar.



_ INFORMAÇÕES

Câmara Municipal de Oeiras
Divisão de Desporto
Tel: 21 440 85 40
Mail: dd.eventos@cm-oeiras.pt



MARIA PIMENTA

_No coração da Fábrica da Pólvora de Barcarena abriu, há pouco mais de dois meses, o restaurante Maria Pimenta. Um espaço único e cheio de cor que vem colmatar uma deficiência que a Fábrica possuía. Agora já pode usufruir com toda a sua plenitude.

texto por **CARLA ROCHA** _ fotos de **CARLOS SANTOS**



Terracota é a
especialidade da casa.

bar no centro do restaurante.



Maria Pimenta é uma cozinheira, bem gulosa, que pega na comida tradicional portuguesa e dá-lhe o seu toque especial, seja com especiarias ou seja com um jeito único que tem de fazer alquimia com os alimentos. Na verdade, Maria Pimenta, como cozinheira, não existe, esta foi a inspiração com que Telmo Pereira partiu para conceber, alimentar e criar este espaço.

Este é um lugar eclético, multifacetado, onde pode optar por uma esplanada, ou um recanto mais privado, no meio da sala ou encostado ao bar, ou no espaço do café, na verdade, não há motivos para que, aqui chegados, não encontre um ponto onde não se sinta bem. Houve, desde logo, a preocupação de proporcionar ao cliente a possibilidade de escolher um canto que se adequasse mais à sua personalidade. Mas o ecletismo transborda para além do espaço. Também essa foi uma preocupação da gerência, criar comida que fosse ao encontro, não só dos mais variados gostos bem como das mais variadas bolsas. Os alimentos são escolhidos a preceito e cozinhados com tempo e dedicação, transformando-se em verdadeiros pitéus. Sugiro que peça a Terracota, que é a especialidade da casa e que é charmosamente apresentada em tigelas de barro e que consiste em camarão com alho, choco frito à moda setubalense, carne de vaca fatiada e fruta tropical, tudo isto numa Terracota. Se não quiser ousar, pode pedir um Manelito ou uma Mariazinha.

O primeiro trata-se um prego de porco e que custa apenas e só 5,50€ e o segundo, um prego de carne de vaca e que custa 6€. Se não quiser nem a terracota nem os pregos, pode pedir os tabuleiros de bacalhau, de piano com arroz de cebola, linguado com banana ou arroz de pato. Para sobremesa, é imperdível a tarte de maçã com gelado, o pavé de chocolate ou leite-creme queimado. Confesse, já tem água na boca?! Mas não acaba aqui.

O Maria Pimenta oferece bom café e bom vinho, ah, sem esquecer a sangria de espumante, ou então, vai uma Guinness. Aliado à boa comida, tem a decoração quente, intimista, cheia de cor inspirada nas especiarias de onde saiu o nome Maria Pimenta.

Este é um espaço que pode usufruir das 10h às 2h, seja para um simples café ou refeição e se optar por ficar na esplanada, desfrute da ambiência que é a Fábrica da Pólvora.

Com a possibilidade de grupos, casamento ou baptizados, este é um lugar a ter em conta. A única sugestão é que ligue a marcar porque embora tenha 120 lugares, podem não chegar. Afinal, este é um espaço de bom gosto onde a música, seja jazz, bossa nova ou R&B impera.

Durante a semana possuem menu ao almoço, constituído por um prato, sopa ou sobremesa e café pagando 7,50€.

Na verdade, depois de tudo isto, não consigo descortinar um motivo para não ir, JÁ, ao Maria Pimenta.



INFORMAÇÕES VALIOSAS

MARIA PIMENTA

Quem é ela? Maria Pimenta

Onde está sempre? Na Fábrica da Pólvora

Se lhe quiser ligar? Use o 21 437 73 91

Se lhe quiser escrever? Utilize o geral@mariapimenta.pt

O que ela nos oferece ao almoço? Menus com prato, sopa ou sobremesa e café por 7,50€ durante toda a semana

O que ela nos oferece ao jantar? Do mais simples ao mais complexo, variados menus bem apimentados pelo preço médio de 17€ por refeição

Como nos surpreende? Com a oferta de diversos ambientes num só espaço.

OEIRAS INOVADORA

Somos Todos Interactivos



EXPO CELEBRAR OEIRAS

Fundição de Oeiras

TERÇA A DOMINGO | 10H - 17H

Entre no Túnel do Tempo e venha Descobrir
Oeiras 4.000 m2 de exposição esperam por si.

ENTRADA GRATUITA



OEIRAS SOMOS TODOS

OEIRAS MULTICULTURAL | OEIRAS POMBALINA
OEIRAS INOVADORA | OEIRAS À DESCOBERTA

W



www.cm-oeiras.pt
www.oeiras250anos.com